

Universidade Federal do Paraná

Clauder Pereira Maciel

“Desafio para manutenção de uma identidade  
Batista Regular no Brasil”

Curitiba

2010

Clauder Pereira Maciel

## “Desafio para manutenção de uma identidade Batista Regular no Brasil”

Avaliação apresentada como requisito parcial à  
obtenção do grau de Bacharel e Licenciatura em  
História, do Setor de Ciências Humanas, Letras e  
Artes da Universidade Federal do Paraná.

Orientadora: Dra. Karina Kosicki Bellotti

Curitiba

2010

## AGRADECIMENTOS

Tenho grande satisfação em concluir mais esta etapa de minha vida. Acredito que a realização de um trabalho proporciona a abertura de novos caminhos, aquisição de conhecimentos e amizades construídas no decorrer do período em que estive participando da vida universitária. Gostaria primeiramente de agradecer a Deus por conceder esta oportunidade de concretizar meus objetivos possibilitando concluir esta graduação.

Agradeço também a atenção, disponibilidade e instruções da minha orientadora Doutora Karina Kosicki Bellotti. Suas palavras de encorajamento, os puxões de orelha, as indicações bibliográficas e metodológicas, foram de grande valia para o término deste trabalho de pesquisa.

Outro grupo de pessoas que não posso deixar de citar são aqueles que disponibilizaram toda a documentação que tive contato e entenderam o propósito desse trabalho. Agradeço em especial ao Missionário Samuel David Smith Junior por disponibilizar as atas da Associação Geral das Igrejas Batistas Regulares do Brasil (digitalizadas) para mim, bem como fotos do trabalho batista regular no país. Sou grato também ao missionário Mark Swedberg que digitalizou todas as atas, tornando assim o acesso e manuseio da fonte mais fácil e prático. De maneira especial agradeço ao administrador da Baptist Mid-Missions para a América Latina, Pastor Vernon Wesley Peters Junior a disponibilização dos relatórios dos primeiros missionários no Brasil. Não poderia deixar de agradecer a Pastor Paulo Cesar Bondezan pelo incentivo na elaboração e conclusão deste trabalho.

E por fim, mas não menos especial, louvo a Deus pelos meus amigos e familiares. Principalmente a minha amada esposa Ana Paula e minhas filhas Paola, Gabriela e Débora. Obrigado pela paciência por dividir o tempo destinado a vocês com os estudos na universidade. Obrigado também, aos meus pais, Vanduil e Zaida pelo incentivo e apoio durante todos os anos de minha vida, em especial nestes últimos quatro anos na UFPR. Posso dizer sem sombras de dúvidas, que sem vocês nada disso seria possível e teria valor.

## Sumário

<b>Resumo .....</b>	<b>05</b>
<b>Introdução .....</b>	<b>06</b>
<b>Capítulo 1 – O Campo Religioso Brasileiro .....</b>	<b>10</b>
A. O Conceito de Religião .....	10
B. Protestantismo no Brasil .....	12
C. Batistas .....	15
D. Pentecostais .....	19
1. Pentecostalismo no Brasil .....	20
a. Pentecostalismo Clássico .....	20
b. Deuteropentecostalismo .....	20
c. Neopentecostalismo .....	21
<b>Capítulo 2 - NAS ATAS DA ASSOCIAÇÃO DAS IGREJAS BATISTAS REGULARES DO BRASIL: a busca por uma identidade coletiva a partir dos textos oficiais .....</b>	<b>22</b>
A. Conceito de Identidade .....	23
B. Momento das Fontes .....	26
C. Visão de Mundo Batista Regular .....	27
D. Formação de uma Identidade Coletiva Batista Regular com base em suas crenças. ....	31
<b>Capítulo 3 - Embates na formação da identidade Batista Regular .....</b>	<b>36</b>
A. O Inimigo Romano .....	36
B. O Inimigo Ecumênico .....	42
C. O Inimigo Pentecostal .....	47
D. O Inimigo Moderno .....	52
<b>Considerações Finais .....</b>	<b>58</b>
<b>Referências Bibliográficas .....</b>	<b>61</b>
<b>Referências da Internet .....</b>	<b>63</b>
<b>Periódicos .....</b>	<b>64</b>
<b>Dissertação .....</b>	<b>64</b>
<b>Fontes de Pesquisa .....</b>	<b>64</b>
<b>ANEXOS .....</b>	<b>67</b>
Anexo 1: Extrato da Ata de Fundação da AIBREB .....	67
Anexo 2: Foto da 1ª Igreja Batista Regular em Manaus .....	70
Anexo 3: Foto da 1ª Assembléia Geral das Igrejas Batistas Regulares .....	71

## Resumo

O presente estudo tem objeto de pesquisa uma coletividade religiosa denominada Igreja Batista Regular. Minha intenção é estudar como o Movimento Batista Regular procurou manter sua identidade no processo de estabelecimento desta denominação religiosa dentro do país. Este processo inicia em 1935 com a chegada dos primeiros missionários norte-americanos ao Brasil e vai até 2003, data da aprovação das doutrinas distintivas dos batistas regulares que os definia em suas doutrinas e práticas. Neste recorte temporal, os regulares tiveram que enfrentar embates para manter sua identidade religiosa com o catolicismo, ecumenismo, pentecostalismo e o modernismo.

Para tal selecionei as atas da Associação Geral das Igrejas Batistas Regulares do Brasil desde 1953 até 2003 como fonte de pesquisa. A produção discursiva dos batistas regulares e suas intenções dialogais ocorreram como resultado dos debates e deliberações durante as sessões administrativas das assembléias das igrejas batistas regulares do Brasil. Pretendendo encontrar atitudes práticas tomadas pela denominação para manter sua identidade lendo todas as atas das assembléias nacionais e regionais procurando identificar estas estratégias de demarcação de identidade dentro do recorte temporal estabelecido.

A busca pela identidade dos Batistas Regulares se fez presente em várias áreas. Eram e ainda são deveras peculiares as suas formas de cultuar a Deus e de se relacionarem com outras denominações protestantes históricas, com o catolicismo, bem como com os pentecostais. As identidades, em relação a como foram construídas, devem ser vistas dependentes do contexto social. Em nosso caso, está inserida num contexto de rivalidade e concorrência, pluralidade religiosa, e se constituem sempre de forma relacional. O clima é de concorrência, porque várias instituições e movimentos lutam pelos melhores resultados, sem os quais não se pode ocupar um lugar no cenário religioso. E geralmente a legitimação diante dos seus pares são os resultados alcançados, especialmente em números de fiéis.

Palavras-chave: Batista Regular, Identidade, Protestantismo

## Introdução

“Religião não se discute!”, diz o adágio popular. Porém, tal afirmação não se sustenta diante dos olhares de alguns aventureiros do conhecimento humano. Que o digam as numerosas pesquisas abrangendo a temática religião no espaço acadêmico nacional e internacional. Peter Berger, por exemplo, diz que “toda sociedade humana é uma empresa de edificação de mundos e que a religião ocupa um lugar destacada nesta empresa”<sup>1</sup>. É diante de um quadro em transformação do mundo contemporâneo, especificamente no perfil religioso do protestantismo brasileiro, que novas expressões de espiritualidade assumem novos contornos e assim intensificam sua importância dentro da sociedade. Ao mesmo tempo, dentro das denominações religiosas, trazem uma preocupação de manutenção de uma identidade que acaba por diferenciá-las, por isso, as mesmas, usando um termo do historiador eclesiástico Earle Cairns, procuram “cerrar fileiras”<sup>2</sup> para evitar o enfraquecimento das bases de suas crenças.

A intenção com esta pesquisa é analisar como a identidade Batista Regular foi construída durante estes anos de atividade no país. Também procurar responder algumas questões tais como: como procuraram estabelecer marcos de separação, ou cooperação com outros grupos religiosos? E se as ações tomadas pela liderança deste movimento surtiram os efeitos desejados? A identidade Batista Regular está sendo mantida?

O meu objeto de pesquisa é a Igreja Batista Regular. Minha intenção é estudar como o Movimento Batista Regular procurou manter sua identidade no processo de estabelecimento desta denominação religiosa dentro do país. Este processo inicia em 1935 com a chegada dos primeiros missionários norte-americanos ao Brasil e vai até 2003, data da aprovação das doutrinas distintivas dos batistas regulares que os definia em suas doutrinas e práticas. Neste recorte temporal, os regulares tiveram que enfrentar embates para manter sua identidade religiosa com o catolicismo, ecumenismo, pentecostalismo e o modernismo. Para tal selecionei as atas da Associação Geral das Igrejas Batistas Regulares do Brasil desde 1953<sup>3</sup> até 2003, Atas das Associações

---

<sup>1</sup> BERGER, Peter. Apud MENDONÇA, Antônio Gouvea. O Celeste Porvir - a inserção do protestantismo no Brasil. 3ªed. São Paulo: EDUSP, 2008, p. 29.

<sup>2</sup> CAIRNS, E. O Cristianismo Através dos Séculos. Uma História da Igreja Cristã. 2ª ed. São Paulo, Vida Nova, 1995.

<sup>3</sup> As Assembléias da Associação Geral das Igrejas Batistas Regulares do Brasil são realizadas a cada dois anos. Cada assembléia tem sua ata lida e aprovada pelo plenário no fim da assembléia. Estas contêm informações sobre os relatórios e pareceres das entidades vinculadas à organização (igrejas, missões, seminários, editora, entre outras), bem como estratégias desenvolvidas pelo movimento para a propagação do Evangelho no país.

Regionais dos Batistas Regulares<sup>4</sup>, Declaração Doutrinária do grupo, bem como relatórios de missionários norte-americanos<sup>5</sup> como fontes de pesquisa. Ao final da pesquisa consegui examinar um total de 142 atas oficiais do grupo, e mais 40 relatórios de missionários.

O trabalho é composto de 3 capítulos, sendo que no primeiro capítulo visa apresentar um contexto histórico do campo religioso brasileiro no momento em que foram produzidos os documentos que estamos analisando, bem como os conceitos de religião, identidade, protestantismo, batista e pentecostalismo no Brasil.; conceitos centrais para lidar com meu objeto de pesquisa. O objetivo do segundo capítulo é identificar e analisar a visão de mundo dos Batistas Regulares e as tentativas de formação de uma identidade coletiva produzida por este grupo religioso no Brasil por meio de suas doutrinas e práticas. E o terceiro capítulo procura analisar as turbulências e embates que marcaram a formação da identidade deste grupo no país.

Cientes de que a produção discursiva dos batistas regulares e suas intenções dialogais ocorreram como resultado dos debates e deliberações durante as sessões administrativas das assembleias das igrejas batistas regulares do Brasil. Pretendendo encontrar atitudes práticas tomadas pela denominação para manter sua identidade lendo todas as atas das assembleias nacionais e regionais procurando identificar estas estratégias de demarcação de identidade dentro do recorte temporal estabelecido (1935-2003). Como também analisar os relatórios dos missionários norte-americanos que aqui chegaram procurando identificar as dificuldades em manter a identidade que voluntária ou involuntariamente trouxeram em obediência ao “Destino Manifesto” da nação estadunidense.

De acordo com Jaime Lima, o movimento Batista Regular, como denominação religiosa, teve seu início junto a um grupo de “igrejas Batistas que se separaram da Convenção Batista do Norte dos Estados Unidos, em 1932”<sup>6</sup>. Ainda, segundo o mesmo autor esta separação aconteceu devido ao não conformismo dos “Batistas Regulares”

---

<sup>4</sup> As Assembleias da Associação Regional de Igrejas Batistas Regulares são realizadas anualmente. As igrejas formam associações de acordo com a região do país e estas possuem a organização semelhante à Nacional, com assembleias diárias. O conteúdo destas atas é variável. De acordo com o ano e o tema sugerido para aquele ano. Porém, em geral tratam de assuntos relacionados à propagação do Evangelho através das igrejas filiadas à Associação: estratégias, planos, incentivo, problemas, entre outros.

<sup>5</sup> Os relatórios de missionários são enviados mensalmente ou bimestralmente para a sede da missão a que pertencem, relatando suas atividades no período.

<sup>6</sup> LIMA, Jaime A. Que Povo é Esse? História dos Batistas Regulares no Brasil. São Paulo, EBR, 1997, p. 27.

com a infiltração de idéias “modernistas nas igrejas filiadas à Convenção Batista no Norte dos Estados Unidos”<sup>7</sup>.

O Movimento Batista Regular no Brasil pode ser considerado protestantismo de missões, pois chegou ao Brasil em 1936 através de missionários norte-americanos que se instalaram na região do Cariri, no Ceará, com o intuito de propagar a sua fé aos brasileiros. Hoje se constitui segundo Richard Buck no prefácio da obra de Jaime Lima, o segundo maior ramo dos batistas no Brasil<sup>8</sup>. Porém, este desenvolvimento só foi maior a partir da década de 1960, a mesma época em que enfrenta seus maiores embates em busca de uma identidade religiosa.

Desde o princípio, como fica claro nas palavras de um dos primeiros missionários norte-americanos no Brasil, Thomas F. Wilson, à assembléia da Associação das Igrejas Batistas Regulares do Brasil em 1964: era estabelecer uma denominação eclesiástica que se mantivesse o mais próximo possível das práticas Batistas históricas. Ele disse: “O termo ‘REGULAR’ tornou-se cedo um meio de distinguir os Batistas fiéis à ‘regra’, isto é, à forma original de fé confessada pelos Batistas antigos”<sup>9</sup>. Por isso, essa denominação no país, possui características conservadoras e separatistas em suas práticas e doutrinas.

Como resultado do crescimento numérico dos batistas regulares no Brasil, após aproximadamente 17 anos foi organizada a Associação de Igrejas Batistas Regulares do Brasil. Desde 1953 os batistas regulares deliberam em suas assembléias sobre assuntos doutrinários, política interna de administração, estratégias de propagação, entre outros assuntos. Isto forma uma memória coletiva, que foi construída pela produção discursiva dos líderes participantes destas reuniões durante este mais de 60 anos de existência. Esta memória pode ser construída através destas atas que serão o meu objeto de pesquisa.

É exatamente aí que concentro a minha pesquisa. Em procurar analisar através das atas das Associações das Igrejas Batistas Regulares do Brasil, quais as atitudes deste grupo religioso para manter a sua identidade “histórica”.

As identidades, em relação a como foram construídas, devem ser vistas dependentes do contexto social. Em nosso caso, está inserida num contexto de rivalidade e concorrência, pluralidade religiosa, e se constituem sempre de forma

---

<sup>7</sup> Ibidem, p. 26.

<sup>8</sup> LIMA, Jaime. Que Povo é Esse? História dos Batistas Regulares no Brasil. “Prefácio”. São Paulo, EBR, 1997, p. 12.

<sup>9</sup> ATA DA 2ª SESSÃO DA 5ª ASSEMBLÉIA DA ASSOCIAÇÃO GERAL DAS IGREJAS BATISTAS REGULARES DO BRASIL, realizada no Templo da Igreja Batista Regular do Bom Retiro na capital de São Paulo, às 14 horas do dia 11 de fevereiro de 1964.

relacional. O objetivo é tentar descobrir como os batistas regulares têm enfrentado este desafio dentro de suas fileiras, bem como lidado com a “concorrência” do pentecostalismo. O clima é de concorrência, porque várias instituições e movimentos lutam pelos melhores resultados, sem os quais não se pode ocupar um lugar no cenário religioso. E geralmente a legitimação diante dos seus pares são os resultados alcançados, especialmente em números de fiéis.

Enfim, entendo que o historiador jamais chegará ao final do seu trabalho, qualquer que seja o número de fontes documentais, com a metodologia mais acurada possível utilizada, que consiga esgotar os assuntos a se estudar e dar todas as respostas aos seus questionamentos. Como afirma François Dosse citado no capítulo escrito por Vavy Pacheco Borges do livro *Fontes Históricas*, “novas pistas se abrem e ele se arrisca a nessas se enredar”<sup>10</sup>. É exatamente isto que procuro nesta pesquisa. Que este estudo possa me abrir uma porta ainda maior para a pesquisa neste intrigante campo da História, que é a história das religiões.

---

<sup>10</sup> DOSSE, François. Apud BORGES, Vavy Pacheco. *Grandezas e Misérias da Biografia*. In: *Fontes Históricas*. PINSKY, Carla Bassanezi (org.). Op. Cit., p. 220.

## Capítulo 1 - Campo Religioso Brasileiro

Este capítulo visa apresentar um contexto histórico do campo religioso brasileiro no momento em que foram produzidos os documentos que estamos analisando. A religiosidade brasileira esteve sempre em movimento, se adaptando e modificando. Isto não deixa de ser diferente em relação ao protestantismo nacional que possui um intenso dinamismo e flexibilidade que permitem transitar entre várias manifestações religiosas sem, contudo, perder a dimensão de sua fé. Assim, atitudes como as dos Batistas Regulares em procurar cerrar fileiras contra “infiltrações” de outros pensamentos e práticas religiosas fazem-nos questionar a efetividade destas ações. Os brasileiros podem, a cada momento, ressignificar sua religiosidade, experimentar novos solos e esconder aquilo que mais responde a seus anseios, sem precisar, para isso, ser fundamentalista.

Por outro lado, é diante de um quadro em transformação do mundo contemporâneo, especificamente no perfil religioso do protestantismo brasileiro, que novas expressões de espiritualidade assumem novos contornos e assim intensificam sua importância dentro da sociedade. Ao mesmo tempo, dentro das denominações religiosas, trazem uma preocupação de manutenção de uma identidade que acaba por diferenciá-las, por isso, as mesmas, usando um termo do historiador eclesiástico Earle Cairns, procuram “cerrar fileiras”<sup>11</sup> para evitar o enfraquecimento das bases de suas crenças.

### A. Conceito de religião

Antes de contextualizar o campo religioso brasileiro, acredito que seria importante mostrar qual conceito utilizarei dentro da minha pesquisa. Ao procurar definir religião, os historiadores Eliane Moura da Silva & Leandro Karnal da Universidade de Campinas, relatam que grande parte das pessoas tem alguma idéia do que seja “religião”. Porém, esta crença popular está mais ligada ao senso comum por isso é insuficiente para os estudos científicos. Estes autores afirmam ainda que o termo “religião” originou-se da palavra latina religio cujo “sentido original indicava um conjunto de regras, observâncias, advertências e interdições, sem fazer referência a divindades, rituais, mitos ou qualquer outro tipo de manifestação que,

---

<sup>11</sup> CAIRNS, E. O Cristianismo Através dos Séculos. Uma História da Igreja Cristã. 2ª ed. São Paulo, Vida Nova, 1995.

contemporaneamente, entendemos como religiosas”<sup>12</sup>. Sendo assim, o conceito de religião foi construído histórica e culturalmente no Ocidente e adquiriu seu sentido estritamente ligado à tradição cristã.

Cabe ressaltar que de acordo com Silva e Karnal “não há religião individual e sim, exclusivamente, religiões de grupos sociais, coletivas”. O que seria individual é a religiosidade, como forma particular de participar e experimentar a religião pré-constituída e supraindividual. Meu objeto de estudo então, seria melhor denominado então de movimento religioso de acordo com Galindo, pois é uma “variante numa situação religiosa e social já estabelecida”<sup>13</sup>.

Por isso, com finalidades científicas conceituamos religião não arbitrariamente nem atendendo a compromissos religiosos específicos, mas utilizaremos o que segundo Silva e Karnal é o conceito mais utilizado para se definir religião: “religião é um sistema comum de crenças e práticas relativas a seres sobre-humanos dentro de universos históricos e culturais específicos”<sup>14</sup>. Este conceito de religião é baseado no pensamento da vertente italiana da História das Religiões que ressalta, antes de qualquer coisa, “a historicidade dos fatos religiosos enquanto produtos culturais, redutíveis em sua totalidade à razão histórica”<sup>15</sup>. Esta escola difere da vertente sistemática do filólogo, mitólogo e lingüista alemão Max Müller, e do antropólogo britânico Edward Burnett Tylor, (ambos exerceram suas atividades no século XIX) em que religião adquire um significado absolutamente contraposto onde a comparação histórico-religiosa, de acordo com Massenzio, “constitui-se não como forma de distinção, mas como forma de equiparação”<sup>16</sup>, bem como da vertente fenomenológica do teólogo protestante alemão e erudito em religiões Rudolf Otto, do historiador e filósofo holandês especialista em religião, Gerard Van der Leeuw e do conhecido historiador romeno das religiões naturalizado americano Mircea Eliade, onde se assume que se a “experiência religiosa não pode ser observada por si mesma, as características do sagrado serão inferidas pelo sentimento que o sagrado inspira no ‘homem religioso’”<sup>17</sup>. Escolhemos a vertente da

---

<sup>12</sup> SILVA, Eliane Moura da & Leandro Karnal. O Ensino Religioso na Escola Pública do Estado de São Paulo – Volume 1: Diversidade Religiosa, São Paulo, Secretaria de Estado da Educação/UNICAMP, 2002, p. 8.

<sup>13</sup> GALINDO, Florencio. O Fenômeno das Seitas Fundamentalistas. Petrópolis, Vozes, 1995, p. 65.

<sup>14</sup> Ibidem, p. 9.

<sup>15</sup> MASSENZIO, Marcello. A História das Religiões na Cultura Moderna. São Paulo: Hedra, 2005, p. 21.

<sup>16</sup> Ibidem, p. 13.

<sup>17</sup> Ibidem, p. 15.

escola italiana porque conforme Massenzio é a que enfrenta o problema da religião de “modo novo, consoante ao tempo em que estamos vivendo”<sup>18</sup>.

No texto “História das Religiões e Religiosidades” do livro Domínios da História de Jacqueline Hermann, a autora nos apresenta a dificuldade em que se encontra o historiador ao tentar estabelecer uma metodologia ideal no estudo das religiosidades. Ela termina seu texto dizendo: “Múltipla, densa e instigante, a teia que liga as diversas religiões às diferentes e possíveis formas de religiosidades tem demonstrado ser um campo fértil para continuadas reflexões teórico-metodológicas e futuras investigações historiográficas”<sup>19</sup>.

No Brasil, o tema da religião e das religiosidades foi marcado por uma imagem depreciativa dos precursores das ciências sociais. O mesmo processo de dessacralização que houve na Europa foi experimentado no nosso país. Hermann disse que por causa disto, no século XIX quando as primeiras reflexões sobre o tema da religiosidade brasileira, “acompanharam o discurso anticlericalista radical dos positivistas que acreditaram ser a única e definitiva ‘religião da humanidade’”<sup>20</sup>.

## **B. Protestantismo no Brasil**

Diante de um quadro de profundas mudanças no mundo contemporâneo, especificamente no perfil religioso do protestantismo brasileiro, percebemos que a religiosidade tem acompanhado o estilo de vida da sociedade moderna. Percebe-se que os grupos denominados de “protestantes históricos”<sup>21</sup> encontraram muito mais dificuldade para assimilar as mudanças que a modernidade trouxe a todos. Já os pentecostais, de acordo com o sociólogo Leonildo Silveira Campos, em especial a Igreja Universal do Reino de Deus, foram os grupos religiosos que mais se adaptaram a esta transformação<sup>22</sup> através da utilização de técnicas de marketing para conquistar e manter

<sup>18</sup> Ibidem, p. 38.

<sup>19</sup> HERMANN, Jacqueline. “História das religiões e das religiosidades”. In: Vainfas, R. & Cardoso, C.F. (Orgs.) Domínios da História: Ensaios de teoria e metodologia, Rio de Janeiro: Campus, 1997, p. 352.

<sup>20</sup> Ibid., p. 346.

<sup>21</sup> Os protestantes não-pentecostais representam os presbiterianos, metodistas, luteranos, episcopais e batistas, que se instalaram no Brasil ao longo do século XIX. Evitarei o termo “protestantes históricos”, pois isso implicaria que outros grupos evangélicos, como os pentecostais, adventistas, mórmons e Testemunhas de Jeová não fossem históricos. Usarei para se referir a este grupo o termo “tradicional” em contraste aos pentecostais. Esta nomenclatura é a mesma que a Dr<sup>a</sup> Karina Bellotti utilizou em seu trabalho de doutorado: Delas é o Reino dos Céus: Mídia Evangélica Infantil na Cultura Pós-Moderna do Brasil (Anos 1950-2000).

<sup>22</sup> CAMPOS, Leonildo Silveira. Teatro, Templo e Mercado: Organização e Marketing de um Empreendimento Neopentecostal. Editora Vozes, Petrópolis, 1997, p. 33 e 34.

os seus adeptos. Sendo assim, procuro mostrar agora um breve relato da formação do protestantismo em solo brasileiro.

Para o historiador presbiteriano Alderi de Souza Matos, o protestantismo faz parte de um bloco histórico composto por fatores independentes e ligado especialmente a sua entrada no país. Sendo assim, utiliza os termos protestantismo de missão e protestantismo de imigração para referir-se aos grupos de protestantes “tradicionais” que aqui se estabeleceram.

O protestantismo de imigração no Brasil teve início com a vinda da família real portuguesa para o Brasil em virtude da expansão napoleônica. Em 1807, Dom João VI vem para o Rio de Janeiro e eleva a colônia à posição de reino. No ano seguinte, a Inglaterra força o governo português, então no Brasil, a abrir os portos brasileiros ao comércio mundial. Uma das cláusulas do tratado comercial, assinado com a Inglaterra em 1810, era que Portugal permitiria a construção de casas de adoração para os estrangeiros, contanto, como afirma o historiador eclesiástico Earle Cairns, “que não tivessem a aparência de igrejas”<sup>23</sup>. O uso da cruz na parte exterior dos prédios era expressamente proibido.

O primeiro destes grupos a chegar ao Brasil foram os anglicanos em 1816, porém, tinha sua atividade exclusiva para os imigrantes ingleses que aqui viviam. Seguiram-no os luteranos em Nova Friburgo (1824) trabalhando com os imigrantes alemães, Presbiterianos no Rio de Janeiro e Petrópolis (1859) com os ingleses, e a última leva com os metodistas e batistas em Santa Bárbara (1871) com os imigrantes norte-americanos<sup>24</sup>.

Já o protestantismo de conversão ou de missão, como escreve Mendonça, entre os quais se inserem os batistas, “teve o terreno preparado pelos distribuidores de bíblias, os verdadeiros pioneiros do protestantismo brasileiro”<sup>25</sup>. O grupo que mais se expandiu no período que vai de 1859 até o fim do século XIX foram os presbiterianos<sup>26</sup>, porém no início do século XX os batistas ultrapassaram todos os ramos denominados protestantes “tradicionais”.

---

<sup>23</sup> CAIRNS, Earle E. O Cristianismo Através dos Séculos. Uma História da Igreja Cristã. 2ª Ed. São Paulo: Vida Nova, 1995, p. 361.

<sup>24</sup> MENDONÇA, Antonio Gouvêa. O Celeste Porvir. A inserção do protestantismo no Brasil. 3ª Ed. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2008, pp. 47-50.

<sup>25</sup> MENDONÇA, A. G. Introdução ao Protestantismo no Brasil. 2. ed. São Paulo: Loyola, 2004, p. 53 e 54.

<sup>26</sup> MENDONÇA, A. G. Op. Cit., 2008, p. 15.

Estes missionários tinham como meta a conversão de novos membros por meio da pregação e da educação através do evangelho. De acordo com Mendonça a inserção do protestantismo no Brasil se deu sob forte influência do protestantismo norte-americano. Para o autor uma “visão global do protestantismo inglês é necessária para que se compreenda o norte-americano e, conseqüentemente, o brasileiro”<sup>27</sup>. Este protestantismo que o autor resume em três aspectos: pietista, arminiano<sup>28</sup> e milenarista, impulsionado por aquilo que é chamado de o "Destino Manifesto" do povo americano de trazer o reino de Deus, por meio do "American way of life". A base sob a qual a ideologia do “Destino Manifesto” foi construída foi o puritanismo inglês<sup>29</sup>. E este puritanismo marcou, de acordo com Mendonça, o protestantismo americano que buscou na teologia calvinista a legitimidade de suas ações como o “povo escolhido de Deus”.

Sendo assim, segundo Mendonça, missionários impulsionados pelos movimentos de avivamentos nos Estados Unidos e Europa, buscavam realizar a tarefa de preparação para a vinda do Reino de Deus aqui na terra através da ordenação da importação de um modo de vida onde a religião, moralidade e educação formariam a base das ações<sup>30</sup>. Os missionários norte-americanos, afirma Mendonça, “foram chamados para promover o avanço da influência política americana no sentido de salvar os países atrasados do despotismo nativo ou do imperialismo europeu”<sup>31</sup>.

Ainda de acordo com Mendonça, os batistas foram os mais francos em deixar bem claro esta ideologia do Destino Manifesto em sua mensagem evangelizadora<sup>32</sup>. Os batistas regulares não fogem a esta regra, pois os primeiros missionários ensinaram desde as práticas religiosas (hinos, liturgia de culto) até como construir uma igreja à moda americana.

---

<sup>27</sup> Ibidem, p. 56.

<sup>28</sup> Para Latourette, a expressão arminianos está associada à figura de Jacob Armínio, um professor de teologia na Universidade de Leiden no início do século XVII, que defendia a salvação do indivíduo a partir da graça de Deus, sem que houvesse uma predeterminação divina (essa predeterminação podia assegurar a salvação de alguns, em detrimento de outros que não foram eleitos divinamente). Estas afirmações teológicas estavam em oposição aos termos da teologia de Calvino.

<sup>29</sup> O puritanismo, de acordo com Mendonça, foi mais um “modo se ser da vida religiosa que se ajustou, nem sempre passivamente, às várias correntes de pensamento que desembocariam nos Estados Unidos e se prolongariam pela história do protestantismo naquele país e pelas suas áreas de influência missionária”, p. 66.

<sup>30</sup> Ibidem, p. 90.

<sup>31</sup> Ibidem, p. 96.

<sup>32</sup> Importante ressaltar que o Destino Manifesto teve sua origem na Teologia do Pacto e na Confissão de Westminster. Dois documentos muito utilizados para que os batistas norte-americanos formulam-se suas confissões de fé - Filadélfia em 1742, e New Hampshire em 1832.

### C. Batistas

Somente será possível entender uma produção sobre os batistas no Brasil, se houver o entendimento da trajetória do grupo religioso entre os brasileiros. Minha proposta agora é mostrar de maneira resumida alguns aspectos da trajetória deste movimento que deu origem ao movimento Batista Regular nos Estados Unidos e posteriormente no Brasil. Isto faremos partindo da formação de uma identidade coletiva, até chegar aos embates com os católicos romanos e outras formas de religiosidade no país. Assim, tomando-se como referência a reflexão de Norbert Elias, pode-se dizer que “o perfil das passadas mudanças no tecido social se torna mais visível quando visto contra os eventos de nossa própria época. Nesse caso, também, como tão freqüentemente acontece, o presente ilumina a compreensão do passado e a imersão neste ilumina o presente”<sup>33</sup>.

Ao trabalhar a teoria dos processos civilizadores, Elias vai argumentar que é possível perceber o processo de continuidade/descontinuidade na sociedade; e essa percepção é possível quando se faz uma leitura da “dinâmica do entrelaçamento observada em nossos dias, com seus numerosos altos e baixos”<sup>34</sup>.

Israel Belo de Azevedo associa os primeiros batistas na Europa aos “estratos pobres da sociedade inglesa”<sup>35</sup>, a gênese do grupo religioso e o seu avanço social “se deram numa Inglaterra pré-revolucionária e revolucionária em meio a uma feroz guerra civil, filha de uma compreensão pré-moderna de liberdades públicas”<sup>36</sup>.

Azevedo afirma que a Inglaterra do século XVII precisou conviver com transformações na sociedade e desdobramentos religiosos, “chocando os ingleses, especialmente em função de algumas idéias políticas e religiosas, consideradas avançadas”<sup>37</sup>. Como resultado desse processo de transformações, as instituições religiosas da época experimentaram rupturas e novas adaptações, provocando o surgimento de novos grupos de confissão protestante.

Na análise do historiador Latourette, os batistas são mencionados pela primeira vez na historiografia da cristandade quando da instituição da primeira igreja batista

---

<sup>33</sup> ELIAS, Norbert. O processo civilizador: formação do Estado e Civilização. vol. 02. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1993, p. 263.

<sup>34</sup> Ibidem, p. 263.

<sup>35</sup> AZEVEDO, Israel Belo. A celebração do indivíduo: a formação do pensamento batista brasileiro. São Paulo: Vida Nova, 2004, p. 75.

<sup>36</sup> Ibidem, p. 75.

<sup>37</sup> Ibidem, p. 75.

organizada pelos ingleses em Amsterdã<sup>38</sup>, congregando aqueles que se diziam separatistas entre os anglicanos<sup>39</sup>. Aquela primeira igreja local professava os ensinamentos arminianos, sendo considerada ascendente espiritual dos Batistas Gerais de Bretanha<sup>40</sup>. Após o surgimento do primeiro grupo denominado batista, de origem inglesa, no início do século XVII, originou-se outro grupo com características religiosas semelhantes, que ficou conhecido como batistas particulares; tratava-se, no entanto, de um grupo com forte tendência calvinista. Essa divisão entre batistas gerais (arminianos) e batistas particulares (calvinistas) durou até o século XIX, quando os dois grupos se uniram<sup>41</sup>.

De acordo com Latourette, da Inglaterra os batistas foram para os Estados Unidos, em um período de formação das colônias americanas. Num contexto sócio-cultural norte-americano, mas influenciados pelo protestantismo europeu, os batistas cresceram e se desenvolveram junto às classes menos favorecidas, inclusive entre os negros escravos do Sul dos Estados Unidos.<sup>42</sup>

As conseqüências do conflito social norte-americano também repercutiram no Brasil, pois se entende que foi num momento de transformações sociais nos Estados Unidos da América, caracterizado por limitações de oportunidades profissionais, que um contingente de religiosos migrou para o Brasil.

Entretanto, os primeiros batistas que chegaram ao Brasil não foram apenas imigrantes que aqui chegaram por falta de oportunidades profissionais. Muitos foram premidos pela Guerra da Secessão (1861-1865) entre as forças do Norte e do Sul dos Estados Unidos. Fugiram para o Brasil e estabeleceram-se em Santa Bárbara D' Oeste, na região de Campinas. O historiador batista J. Reis Pereira afirma que entre estes colonos havia diversas denominações evangélicas: presbiterianos, metodistas e batistas<sup>43</sup>. Depois de bem assentados à nova terra, cuidaram de estabelecer também as suas próprias igrejas, e foi assim que em 10 de setembro de 1871 funda-se a Igreja Batista de Santa Bárbara, a qual, segundo Pereira era apenas para os colonos norte-

---

<sup>38</sup> LATOURETTE, K. S. Uma História do Cristianismo. v. 2. São Paulo. Hagnos, 2006, p. 1107.

<sup>39</sup> A expressão separatista, segundo Latourette, aplica-se a um grupo de religiosos que se retirou da Igreja Anglicana, no século XVII, defendendo a independência e a autonomia de cada igreja local, não havendo qualquer vínculo com os anabatistas. Para o historiador, os separatistas inspiraram, posteriormente, os congregacionais, dos quais os batistas herdaram a forma administrativo-doutrinária.

<sup>40</sup> No contexto da Bretanha, os batistas gerais defendiam uma posição teológica semelhante aos arminianos, isto é: a existência do livre-arbítrio, que colocava diante de cada pessoa a responsabilidade da escolha pela vida eterna, ou não.

<sup>41</sup> LATOURETTE, K. S. Op. Cit., p. 1405.

<sup>42</sup> Ibidem, p. 1688.

<sup>43</sup> PEREIRA, J. Reis. Breve História dos Batistas. 4ª Ed. Rio de Janeiro, JUERP, 1994.

americanos, tanto que os cultos eram na língua inglesa e os membros eram todos americanos. Entretanto, a jornalista e historiadora Betty Antunes de Oliveira em seu livro “Centelha em Restolho Seco”<sup>44</sup> afirma ser esta a 1ª Igreja Batista brasileira valendo-se de uma documentação farta<sup>45</sup> (mencionando a presença de inúmeros brasileiros convertidos entre os colonos americanos), coisa que J. Reis Pereira não faz.

A partir de 1881 chegaram os primeiros missionários batistas ao Brasil enviados pela Junta de Richmond da Convenção Batista<sup>46</sup> do Sul dos Estados Unidos. Entre eles encontram-se William Bagby e sua esposa, Ann Luter Bagby; Zachary C. Taylor e sua esposa Kate Crawford Taylor. Juntos iniciaram a Igreja Batista de Salvador, em 15 de outubro de 1882<sup>47</sup>.

De acordo com o historiador batista regular Jaime Lima, o movimento Batista Regular, como denominação religiosa, teve seu início junto a um grupo de “igrejas Batistas que se separaram da Convenção Batista do Norte dos Estados Unidos, em 1932”<sup>48</sup>. Ainda, segundo o mesmo autor esta separação aconteceu devido ao não conformismo dos “Batistas Regulares” com a infiltração de idéias “modernistas nas igrejas filiadas à Convenção Batista no Norte dos Estados Unidos”<sup>49</sup>. Importante ressaltar que para os Batistas Regulares idéias modernistas primariamente constituíam-se, conforme se vê na resolução da 2ª Assembléia das Igrejas norte americanas em 1933, em todo ensino e prática religiosa que “minimiza a absoluta autoridade das Sagradas Escrituras e a obra redentora de Jesus Cristo”<sup>50</sup>. Gostaria de ressaltar que irei discorrer mais sobre o modernismo teológico no terceiro capítulo quando trato os embates que o grupo teve que travar para manter sua identidade.

---

<sup>44</sup> OLIVEIRA, Betty Antunes. *Centelha em Restolho Seco. Uma Contribuição para a História dos Primórdios do Trabalho Batista no Brasil*. São Paulo, Vida Nova, 2005.

<sup>45</sup> Atas da igreja, cartas do próprio pastor da igreja, carta de transferência de um membro brasileiro para a Igreja Batista em Salvador

<sup>46</sup> A Convenção é a organização que representa um dos grupos religiosos denominados batistas. (Nomeia-se Igreja Batista da Convenção). Essa organização aglutinadora dos esforços desse grupo protestante foi criada nos Estados Unidos em 1845 com fins missionários. No Brasil teve sua origem em 1907, reunindo pastores e missionários de todo o país. O objetivo proposto era aumentar ainda mais o trabalho batista, não só no Brasil, mas também enviando missionários para Chile e Portugal, locais onde havia necessidade e oportunidade de pregar o evangelho. (PEREIRA, op. cit., p. 141-156)

<sup>47</sup> LIMA, Jaime A. *Que Povo é Esse? História dos Batistas Regulares no Brasil*. São Paulo, EBR, 1997, p. 24.

<sup>48</sup> *Ibidem*, p. 27.

<sup>49</sup> *Ibidem*, p. 26.

<sup>50</sup> Resoluções da 2ª Assembléia Geral das Igrejas Batistas Regulares dos Estados Unidos em julho de 1933 (disponível em: [www.garbc.org](http://www.garbc.org) acesso: 30 de Agosto de 2010)

O Movimento Batista Regular no Brasil pode ser então considerado protestantismo de missões, pois chegou ao Brasil no final de 1935 através dos missionários norte-americanos Edward Guy McLain e Inez McLain (Fig. 2) que se instalaram na região do Cariri, no Ceará, e Arlie Ross e Herthel Ross (Fig. 1) em Manaus, com o intuito de propagar a sua fé aos brasileiros. Existe muita discussão sobre qual seja a primeira igreja batista regular em solo brasileiro. Porém, existe certa concordância de que a primeira seria a Igreja Batista de Cachoeirinha em Manaus,



Fig. 1 - Missionários Arlie Ross e Herthel Ross (1950). Fonte: Arquivo pessoal de Erica McLain



Fig. 2 – Missionários Edward Guy McLain e Inez McLain (1950s). Fonte: Arquivo pessoal de Erica McLain

primeira é devido às constantes mudanças de endereço da igreja, até chegar ao atual templo. Ela só foi se estabelecer definitivamente em 1943 no bairro da Cachoeirinha em Manaus (veja legenda abaixo).

Hoje, o movimento batista regular constitui-se, segundo Richard Buck no prefácio da obra de Jaime Lima, o segundo maior ramo dos batistas no Brasil<sup>51</sup>. Porém, este desenvolvimento só foi maior a partir da década

de 1960, justamente a época em que enfrenta seus maiores embates em busca de uma identidade religiosa.

Desde o princípio, como fica claro nas palavras de um dos primeiros missionários norte-americanos no Brasil, Thomas F. Wilson, à assembléia da Associação das Igrejas Batistas Regulares do Brasil em 1964: o propósito ao iniciar o movimento batista regular, era estabelecer uma denominação eclesiástica que se mantivesse o mais próximo possível das práticas Batistas históricas. Ele disse: “O termo



Fig. 3 – Templo da Igreja Batista do Cachoeirinha (atual – 2009). Fonte: Arquivo pessoal do missionário Samuel David Smith Jr.

<sup>51</sup> LIMA, Jaime. Op. Cit., p. 12.

‘REGULAR’ tornou-se cedo um meio de distinguir os Batistas fiéis à ‘regra’, isto é, à forma original de fé confessada pelos Batistas antigos”<sup>52</sup>. Por isso, essa denominação no país possui características conservadoras e separatistas em suas práticas e doutrinas.

#### D. Pentecostais

Neste momento gostaríamos de definir e caracterizar os pentecostais, visto que foi um dos grupos religiosos com quem os batistas regulares travaram, e ainda travam embate na construção de sua identidade. Minha intenção é estudar como o Movimento Batista Regular procurou manter sua identidade em meio ao crescimento do pentecostalismo na sociedade brasileira a partir da segunda metade do século XX.

São conhecidos por pentecostais por apresentarem características espirituais semelhantes a episódio da Bíblia descrito como Pentecostes, registrado em Atos dois<sup>53</sup>. Tradicionalmente, reconhece-se o começo do movimento Pentecostal com o Avivamento ocorrido em 1906, em Los Angeles (EUA), na Azuza Street, caracterizado pelo batismo com o Espírito Santo, evidenciado pelos dons do Espírito: línguas estranhas (glossolalia), curas, profecias, interpretação de línguas, etc. O Avivamento na Azuza Street, rapidamente cresceu alcançando outros lugares e pessoas de várias partes do mundo que foram até lá para conhecer, de perto, o movimento.

Algum tempo depois, vários grupos semelhantes foram formados em muitos lugares dos Estados Unidos, mas com o rápido crescimento do movimento, o nível de organização também cresceu até o grupo denominar-se Missão da Fé Apostólica da Azuza Street. A partir desse movimento, houve um despertar espiritual e nasceu um fervor missionário por parte daqueles que iam sendo avivados, criando-se assim novas denominações.

Quando comparados aos protestantes tradicionais os pentecostais foram considerados seitas, agências de cura divina, um desvio do protestantismo, tendo-lhes sido negados na linguagem acadêmica e jornalística, segundo Freston, o status de

---

<sup>52</sup> ATA DA 2ª SESSÃO DA 5ª ASSEMBLÉIA DA ASSOCIAÇÃO GERAL DAS IGREJAS BATISTAS REGULARES DO BRASIL, realizada no Templo da Igreja Batista Regular do Bom Retiro na capital de São Paulo, às 14 horas do dia 11 de fevereiro de 1964.

<sup>53</sup> Atos 2.1-4: “Ao cumprir-se o dia de Pentecostes, estavam todos reunidos no mesmo lugar; de repente, veio do céu um som, como de um vento impetuoso, e encheu toda a casa onde estavam assentados. E apareceram, distribuídas entre eles, línguas, como de fogo, e pousou uma sobre cada um deles. Todos ficaram cheios do Espírito Santo e passaram a falar em outras línguas, segundo o Espírito lhes concedia que falassem”

religião durante muitos anos<sup>54</sup>. No Brasil só foram aparecer na academia a partir de meados do século XX.

Para a historiadora Karina Bellotti a distinção básica entre estes dois grupos seria a seguinte: “enquanto os pentecostais dão ênfase no batismo e nos dons do Espírito Santo, os protestantes não-pentecostais não enfatizam esse aspecto doutrinário e ritualístico. Atualmente, a presença de movimentos avivados e pentecostais dentro de toda a cultura evangélica é a tendência predominante”<sup>55</sup>.

### 1. Pentecostalismo no Brasil

No Brasil, o Pentecostalismo chegou em 1910 e 1911 com a vinda de missionários que tinham sido avivados na América do Norte. O primeiro deles foi o presbiteriano Louis Francescon<sup>56</sup>, que dedicou seu trabalho entre as colônias italianas no Sul e Sudeste do Brasil e resultou no nascimento da Congregação Cristã no Brasil. Logo depois, chegaram os batistas suecos Daniel Berg e Gunnar Vingren que vieram como missionários para Belém, PA, e, ali, iniciaram a Igreja Assembléia de Deus, em 1911<sup>57</sup>.

O sociólogo Ricardo Mariano classifica em três vertentes (como Paul Freston – que as classifica por “ondas”): Pentecostalismo Clássico, Deuteropentecostalismo e Neopentecostalismo<sup>58</sup>. Vejamos cada uma delas:

**a. Pentecostalismo Clássico.** A primeira vertente do Pentecostalismo reproduziu no Brasil uma tipologia Norte Americana e é chamada de “Pentecostalismo Clássico”, que abrange o período de 1910 a 1950. Esse é o período de fundação e “domínio” Pentecostal dessas duas denominações: a Congregação Cristã no Brasil e a Igreja Assembléia de Deus, que se difundiram em todo território nacional. Ambas caracterizavam-se pelo anticatolicismo, ênfase na crença no Espírito Santo, sectarismo radical, principalmente a primeira, e por um ascetismo que rejeitava os valores do mundo e defendia a plenitude da vida moral. Essa vertente constitui a maior Igreja Evangélica brasileira representada pela Assembléia de Deus atualmente.

**b. Deuteropentecostalismo:** A segunda vertente é chamada de “Deuteropentecostalismo” vindo através da Igreja do Evangelho Quadrangular, em 1951, com o missionário Harold Willians. Na capital paulista, ele criou a Cruzada

<sup>54</sup> FRESTON, Paul. Protestantes e política no Brasil: da Constituinte ao Impeachment. Campinas: Tese de doutorado em Sociologia, 1993, p. 155.

<sup>55</sup> BELLOTTI, Karina Kosicki. Delas é o reino dos céus: mídia evangélica infantil na cultura pós-moderna do Brasil (anos 1950 a 2000). São Paulo: Annablume: Fapesp, 2010, p. 25.

<sup>56</sup> Louis Francescon era um Italiano que estava morando nos USA e mudou-se para o Brasil em 1910. Desenvolveu o seu trabalho no Braz, em São Paulo, e em Santo Antônio da Platina, no Paraná.

<sup>57</sup> CÉSAR, Elben M. L. História da Evangelização do Brasil, Viçosa: Ultimato, 2000, p. 13.

<sup>58</sup> MARIANO, Ricardo. Neopentecostais: sociologia do neopentecostalismo no Brasil. 1999, p. 23.

Nacional de Evangelização e percorreu quase todos estados brasileiros. Seu trabalho era centrado na cura divina e na evangelização das massas, principalmente pelo rádio, contribuindo bastante para a expansão do Pentecostalismo no Brasil. Paralelamente, surgem duas Igrejas Pentecostais autônomas: “O Brasil para Cristo” (1955) e a “Igreja Deus é Amor” (1962), fundadas pelos missionários Manoel de Melo e David Miranda, respectivamente.

Nas décadas de 1960 e 1970, houve um movimento de avivamento com manifestações carismáticas, ou seja, pentecostais, nas Igrejas tradicionais, tendo como resultado o surgimento de vários grupos denominados “Renovados”. Há, a partir desse período, uma proliferação de novas Igrejas Pentecostais, como por exemplo, a Igreja Presbiteriana Renovada do Brasil, Convenção Batista Nacional, Igreja do Avivamento Bíblico, Igreja Metodista Wesleyana, Igreja Cristã Maranata, entre outras.

**c. Neopentecostalismo:** A terceira vertente é a Neopentecostal. O neopentecostalismo tem início na segunda metade dos anos 1970. São igrejas fundadas por brasileiros que, influenciados por movimentos norte-americanos, começaram suas denominações com características diferentes das duas vertentes anteriores. A Igreja Universal do Reino de Deus, Internacional da Graça de Deus, Comunidade Sara Nossa Terra e a Renascer em Cristo estão entre as principais. As igrejas neopentecostais utilizam intensamente da mídia eletrônica para propagar seu movimento, funcionam como empresas e pregam a Teologia da Prosperidade. O Neopentecostalismo constitui a vertente pentecostal mais influente e a que mais cresce hoje no Brasil.

Tendo visto o contexto histórico religioso onde a Igreja Batista Regular iniciou suas atividades no Brasil, veremos agora a visão diferenciada dos regulares dentre os outros grupos religiosos que aqui se estabeleceram, bem como a tentativa de formar uma identidade coletiva desta denominação no país.

## Capítulo 2

### **NAS ATAS DA ASSOCIAÇÃO DAS IGREJAS BATISTAS REGULARES DO BRASIL: a busca por uma identidade coletiva a partir dos textos oficiais.**

O objetivo deste capítulo é identificar e analisar a visão de mundo dos Batistas Regulares e as tentativas de formação de uma identidade coletiva produzida por este grupo religioso no Brasil. A trajetória de um grupo pode ser reconstruída, não apenas pela percepção de suas polêmicas e o seu desejo de expansão, mas pela compreensão de como o grupo religioso formou o seu pensamento coletivo, revelando a sua concepção de mundo. O pensamento coletivo desta denominação, que pode ser analisado em suas múltiplas expressões, ajuda a compreender a intenção dos religiosos com relação a sua atuação no contexto social, visando uma transformação da sociedade, ou mesmo a manutenção de uma situação já instituída. Mas a partir de que fonte buscou-se analisar o pensamento dos batistas durante a sua trajetória de inserção social?

Para tal selecionei as atas da Associação Geral das Igrejas Batistas Regulares do Brasil desde 1953<sup>59</sup> até 2003, Atas das Associações Regionais dos Batistas Regulares<sup>60</sup>, Declaração Doutrinária do grupo, bem como relatórios de missionários norte-americanos<sup>61</sup> como fontes de pesquisa.



Figura 4 – Foto de alguns pastores batistas regulares na 1ª Associação Nacional (1953) – entre eles: Francisco Xavier Pessoa, José Pereira da Silva, Luiz Gonzaga de Souza e Missionário Jim Wilson.

Ao final da pesquisa consegui examinar um total de 142 atas oficiais do grupo.

As atas elaboradas para / em / a partir de reuniões, podem ser qualificadas enquanto registros formais de um encontro promovido por um órgão, associação,

<sup>59</sup> As Assembléias da Associação Geral das Igrejas Batistas Regulares do Brasil são realizadas a cada dois anos. Cada assembléia tem sua ata lida e aprovada pelo plenário no fim da assembléia. Estas contêm informações sobre os relatórios e pareceres das entidades vinculadas à organização (igrejas, missões, seminários, editora, entre outras), bem como estratégias desenvolvidas pelo movimento para a propagação do Evangelho no país.

<sup>60</sup> As Assembléias da Associação Regional de Igrejas Batistas Regulares são realizadas anualmente. As igrejas formam associações de acordo com a região do país e estas possuem a organização semelhante à Nacional, com assembléias diárias. O conteúdo destas atas é variável. De acordo com o ano e o tema sugerido para aquele ano. Porém, em geral tratam de assuntos relacionados à propagação do Evangelho através das igrejas filiadas à Associação: estratégias, planos, incentivo, problemas, entre outros.

<sup>61</sup> Os relatórios de missionários são enviados mensalmente ou bimestralmente para a sede da missão a que pertencem, relatando suas atividades no período.

entidade ou grupo de sujeitos, tanto com seus pares quanto subordinados, visando deliberar sobre assuntos de interesse comum ou repassar informações.

Encaradas como potenciais documentos de valor jurídico, as atas têm a necessidade de se consubstanciar enquanto um fiel registro do que ocorreu na reunião (deliberações, decisões, discussões). Por outro lado, atas também podem servir como uma rica fonte documental, sobremaneira para a história de uma religião que baseia sua forma de dentro desta perspectiva, a ata é entendida como um lugar de memória<sup>62</sup> que, do ponto de vista científico, metodológico ou historiográfico, pode ser mais ou menos rigorosa, mas, ainda assim, um lugar de memória.

Como resultado do crescimento numérico dos batistas regulares no Brasil, após aproximadamente 17 anos foi organizada a Associação de Igrejas Batistas Regulares do Brasil. Desde 1953 os batistas regulares deliberam em suas assembléias sobre assuntos doutrinários, política interna de administração, estratégias de propagação, entre outros assuntos. Isto forma uma memória coletiva, que foi construída pela produção discursiva dos líderes participantes destas reuniões durante este mais de 60 anos de existência. Esta memória pode ser construída através destas atas que serão o meu objeto de pesquisa.

### **A. Conceito de Identidade**

Minha intenção é estudar como o Movimento Batista Regular procurou manter sua identidade religiosa em meio a duras lutas com o catolicismo, ecumenismo, pentecostalismo e modernismo. Importante lembrar que de acordo com Stuart Hall, as identidades se constroem sempre de forma relacional<sup>63</sup>, sendo esta a forma como pretendo analisar esta construção de identidade. A busca pela identidade está presente na sociedade, e em todas as áreas sociais. A identidade de um grupo se inicia com o nome que a ele é dado ou que ele mesmo se atribui. Identidade se constrói social e historicamente, e no caso particular dos Batistas Regulares teve desde o início ainda nos Estados Unidos o propósito de firmar uma identidade. Podemos perceber isto ao verificar dentre as declarações de propósito do grupo que “doutrina bíblica permite estabelecer parâmetros teológicos que dão direção e identidade aos indivíduos e igrejas. Nós nos comprometemos fielmente a promover nosso legado através das Escrituras

---

<sup>62</sup> NORA, P. 1993. Entre memória e história: a problemática dos lugares. Revista Projeto História, 10:7-28. Disponível em: [http://www.unisinos.br/publicacoes\\_cientificas/images/stories/Publicacoes/educacao](http://www.unisinos.br/publicacoes_cientificas/images/stories/Publicacoes/educacao). Acesso em 20 de junho de 2010.

<sup>63</sup> HALL, Stuart. A Identidade Cultural na Pós-Modernidade. 10ª ed. Rio de Janeiro: dp&a; 2005, p. 85.

Sagradas”<sup>64</sup>. No Brasil o nome desde o início, conforme a ata da 5ª Associação de Igrejas Batistas Regulares do Brasil foi utilizado para “distinguir os Batistas fiéis à ‘regra’, isto é, à forma original de fé confessada pelos Batistas antigos”<sup>65</sup>. Por isso, essa denominação no país, possui características conservadoras e separatistas em suas práticas e doutrinas.

Para Leonildo Campos há um consenso entre os vários pesquisadores sobre as religiosidades que o campo religioso no Brasil e no mundo deixou para trás os “períodos relativamente estáveis dos monopólios e de coexistência pacífica entre os grupos e instituições, predominando agora, nesse cenário, um clima de turbulência, pluralismo e realinhamento organizacional”<sup>66</sup>.

A busca pela identidade dos Batistas Regulares se fez presente em várias áreas. Eram e ainda são deveras peculiares as suas formas de cultuar a Deus e de se relacionarem com outras denominações protestantes históricas, e mesmo com os pentecostais. Já na primeira Assembléia Nacional das Igrejas Batistas Regulares no Brasil em 1953, os líderes do movimento mostravam esta preocupação, por isso as igrejas deveriam “ter cautela com os pentecostais e evitar cooperação com os mesmos”<sup>67</sup>.

Sendo assim, o conceito de identidade que Stuart Hall é de suma importância para nossa reflexão, visto que nos ajuda a relativizar a tentativa como a do fundamentalismo de reconstrução de identidades purificadas baseadas no aprofundamento da tradição, pois estas segundo o autor estão “entrando em declínio e sendo substituídas pelas novas identidades, caracterizadas, entre outras coisas, pela fragmentação do indivíduo moderno”<sup>68</sup>, fato que, segundo suas palavras, “tem promovido grande mudança estrutural nas sociedades”<sup>69</sup> e assim como nas igrejas e suas formas de culto.

---

<sup>64</sup> Disponível em: <http://www.garbc.org> Acesso em 30 de Agosto de 2010.

<sup>65</sup> ATA DA 2ª SESSÃO DA 5ª ASSEMBLÉIA DA ASSOCIAÇÃO GERAL DAS IGREJAS BATISTAS REGULARES DO BRASIL, realizada no Templo da Igreja Batista Regular do Bom Retiro na capital de São Paulo, às 14 horas do dia 11 de fevereiro de 1964.

<sup>66</sup> CAMPOS, Leonildo Silveira. Op. Cit., p. 17.

<sup>67</sup> ATA DA 5ª SESSÃO DA 2ª ASSEMBLÉIA DA ASSOCIAÇÃO GERAL DAS IGREJAS BATISTAS REGULARES DO BRASIL, realizada no Templo da Igreja Batista Regular de Juazeiro do Norte, no dia 23 de maio de 1957.

<sup>68</sup> HALL, Stuart. Op. Cit., p. 12.

<sup>69</sup> Ibidem, p. 12.

Identidade para Manuel Castells é a “fonte de significado e experiência de um povo”<sup>70</sup>, com base em atributos culturais relacionados que prevalecem sobre outras fontes. Não se deve, entretanto, confundi-la com papéis, pois estes determinam funções e a identidade organiza significados. A construção da identidade depende da matéria prima proveniente da cultura obtida, processada e reorganizada de acordo com a sociedade. Ainda de acordo com Castells há uma distribuição entre três formas e origens de construção de identidades:

- Identidade legitimadora: introduzida pelos dominantes para expandir e racionalizar sua dominação em relação aos atores sociais;
- Identidade de resistência: criada por atores contrários a dominação atual, criando resistências com princípios diferentes ou opostos a sociedade;
- Identidade de projeto: quando os atores, usando a comunicação, constroem uma nova identidade para redefinir sua situação na sociedade<sup>71</sup>.

É óbvio que uma sociedade de resistência pode acabar como de projeto ou até mesmo legitimadora, legitimando sua dominação. Cada tipo de identidade leva a resultados distintos: a identidade legitimadora dá origem a uma sociedade civil, com organizações e instituições; a de resistência forma comunidades, formas de resistência coletiva a alguma opressão e as de projeto produzem sujeitos, atingindo seu significado pela sua experiência. Creio que a forma de construção de identidade por uma denominação como os batistas regulares aproxima-se mais da identidade de resistência tanto ao elemento religioso dominante no país (catolicismo) como as tendências religiosas marcantes (ecumenismo, pentecostalismo, etc.). As identidades, em relação a como foram construídas, devem ser vistas dependentes do contexto social. Em nosso caso, está inserida num contexto de rivalidade e concorrência, pluralidade religiosa e um realinhamento organizacional. Acredito que esta pesquisa pode ajudar a pensar de forma crítica as estratégias tomadas pelo movimento Batista Regular em meio à concorrência, por exemplo, do emergente pentecostalismo no Brasil. Até que ponto estes marcos estabelecidos pelas Assembléias Nacionais dos Batistas Regulares surtiram o efeito desejado nas Igrejas?

---

<sup>70</sup> CASTELLS, Manuel. O poder da identidade. Tradução Klauss Brandini Gerhardt. 2. ed. São Paulo: Paz e Terra, 2000, p. 22.

<sup>71</sup> Ibidem, p. 24.

## B. Momento das Fontes

É interessante também mencionar a época e local em que está inserida a produção destes documentos oficiais dos Batistas Regulares, pois pensar na produção de ontem, implica também pensar o presente do fazer histórico de religião. Certeau afirma que a distância do tempo e uma reflexão mais epistemológica nos ajudam a perceber os preconceitos que limitaram a historiografia de religião mais recente. Ele diz que estes preconceitos “aparecem tanto na escolha dos assuntos quanto na determinação dos objetivos dados ao estudo. Mas, sempre, estão ligados às situações que conferem ao historiador uma posição particular com relação a realidades religiosas”<sup>72</sup>. Sendo assim, lembremos que a partir do Concílio do Vaticano II (de 1962-1965), a Igreja Católica altera sua estratégia evangelizadora na América Latina bem como sua relação frente ao Estado e a sociedade. As outras religiões, nesse período, ganharam visibilidade social e força política. No caso do protestantismo, ocorreu o crescimento das vertentes pentecostais e neopentecostais e também uma alteração da relação do “protestantismo histórico”, principalmente frente ao Estado e a condução da disputa interna do poder. No cenário teológico latino-americano, destaca-se a teologia da libertação que agrega alguns valores do marxismo a uma teologia de envolvimento com questões políticas e sociais. Já nos Estados Unidos, o fundamentalismo religioso passa por um momento de transformação com a afluência do neo-evangelicalismo. Este movimento surgiu devido à crise instalada entre os cristãos ortodoxos que pareciam “incapazes de enfrentar a alta crítica alemã, o evolucionismo darwinista, a psicologia freudiana, o socialismo marxista, o niilismo de Nietzsche e o naturalismo da nova ciência”<sup>73</sup>. Esta “ameaça”, creio eu, trouxe maior necessidade ainda para os regulares de assumirem uma atitude de separação de grupos, e tendências religiosas que considerassem estar ensinando falsas doutrinas.

Creio que o movimento Batista Regular no Brasil, não ficou imune a este quadro, e sua produção reflete a preocupação em manter suas fileiras bem compactadas em meio ao momento de profundas transformações religiosas em que estaria vivendo o país.

---

<sup>72</sup>CERTEAU, Michel. A escrita da História. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 1982, p. 42.

<sup>73</sup>SILVA, Francisco Jean Carlos da. Batistas Regulares: uma abordagem histórico-sociológica. Natal, EDUFRRN, 2006, p. 51.

### C. A Visão de Mundo Batista Regular

Ao proceder a leitura de cada uma das atas das sessões deliberativas da Associação, podemos perceber em primeira instância que os batistas regulares possuem uma visão de mundo que influencia diretamente na formação de sua identidade.

De acordo com o sociólogo Max Weber o desencadeamento da religião acontece quando ela se propõe a “passar de um estado mágico e carismático para um racionalizado e burocrático”<sup>74</sup>. Weber, em suas análises sobre a religião, levanta uma crítica ao protestantismo ascético porque entende que esse tipo de protestantismo produz uma rigidez doutrinária que repudia todos os elementos sensuais e emocionais, pois na análise de Weber sobre o calvinismo no livro “A Ética Protestante e o Espírito do Capitalismo”, as emoções e a subjetividade eram inúteis para a salvação do homem e fomentavam apenas ilusões e superstições.

Ainda que Max Weber escreva sobre o protestantismo norte-americano da virada do século, podemos considerar que os Batistas Regulares, em certo sentido, têm adotado um tipo de ascetismo cristão que penetra exatamente numa prática meticulosa, amoldando-se a uma vida racional que pode tornar a espiritualidade fria e calculista, e isto de acordo com o sociólogo Francisco Jean Carlos da Silva, “é típico de um protestantismo ascético”<sup>75</sup>. O Pastor Batista Regular David de Lima Gino manifesta em alguns aspectos este pensamento ao declarar a Associação Geral das Igrejas Batistas Regulares que “não devemos nos conformar com ou mesmo imitar o mundo com nossas vestimentas, cabelos, etc.”<sup>76</sup>. Continuou ainda dizendo que:

“estamos (participantes da assembléia – pastores e líderes batistas regulares) dando muita ênfase à separação do modernismo teológico e esquecendo a separação do mundanismo e, disse ele, basta acabarmos com o mundanismo para expulsarmos o modernismo. Mundanismo definiu o Rev. Lima como ‘agir em setor bom ou mau com os mesmos objetivos do mundo’”<sup>77</sup>.

É importante ressaltar que as igrejas batistas regulares atualmente acabaram por, como afirma Gordon Mathews, “relativizar suas crenças, construindo verdades de

<sup>74</sup> WEBER, Max. *Ensaio de Sociologia*. Ed. Guanabara: Rio de Janeiro, 1981, p. 320.

<sup>75</sup> SILVA, Francisco Jean Carlos da. *Op. Cit.*, p. 67.

<sup>76</sup> ATA DA 1ª SESSÃO DA 7ª ASSEMBLÉIA GERAL DA ASSOCIAÇÃO GERAL DAS IGREJAS BATISTAS REGULARES DO BRASIL, realizada no Templo da Igreja Batista Regular de Juazeiro do Norte, Ceará, no dia dez do mês de julho de 1967.

<sup>77</sup> Idem (grifo meu).

acordo com o desenvolvimento da sociedade”<sup>78</sup>. Mesmo que Mathews analise a sociedade americana, acredito que sua afirmação pode também exemplificar o tipo de procedimento dos Batistas Regulares no Brasil, visto que, Francisco Jean Carlos da Silva ao se referir ao seu grupo religioso afirma que a “crise ética instalada na atualidade pode ser compreendida como uma crise da modernidade que reflete nas atitudes dos Batistas Regulares. O atual momento direciona esse agrupamento para uma reforma ética no âmbito de algumas práticas fundantes do seu grupo e até mesmo do cristianismo”<sup>79</sup>.

O contexto do mundo moderno<sup>80</sup> inicialmente foi permeado pela razão que surgiu como uma poderosa arma com a finalidade de destruir a fé. Karen Armstrong enfatiza que o racionalismo científico da modernidade causou um forte impacto em diversos grupos religiosos, levando-os a tentar transformar em logos o mythos da sua fé<sup>81</sup>. Ressalta também que a leitura literal da Bíblia é uma forma de usar o instrumentário racional da modernidade para refutá-la. Daí a preocupação de teólogos protestantes em tentar argumentar cientificamente acerca da veracidade do criacionismo e de outros relatos da Bíblia.

Existe ainda hoje uma tentativa da modernidade de instituir uma ordem somente humana na terra, tentando substituir Deus pelo homem, colocando-o no centro do universo. Uma promessa de “salvação” pelo avanço científico e tecnológico não tem conseguido transformar a terra num lugar seguro. A luta pelo poder, a ganância desmedida dos grandes, as duas grandes guerras, o desequilíbrio ecológico e a exploração descontrolada dos recursos naturais tem colocado uma dúvida gigantesca no sonho da modernidade. Por outro lado, a modernidade de certo modo trouxe um sentimento de segurança e oportunidade<sup>82</sup>, como afirma o sociólogo Anthony Giddens:

O desenvolvimento das instituições sociais modernas e sua difusão em escala mundial criaram oportunidades bem maiores para os seres humanos gozarem de uma existência segura e gratificante que qualquer tipo de sistema pré-moderno<sup>83</sup>

<sup>78</sup> MATHEWS, Gordon. *Cultura Global e identidade individual: à procura de um lar no supermercado cultural*. Bauru, SP: EDUSC, 2002, p. 165.

<sup>79</sup> SILVA, Francisco Jean Carlos da. *Op. Cit.*, p. 65.

<sup>80</sup> Modernidade é um conceito demasiadamente complexo. Por isso, utilizo alguns autores como Karen Armstrong, Bauman e Anthony Giddens para ajudar a entender como ela se caracteriza e seus reflexos no tema da religião.

<sup>81</sup> ARMSTRONG, Karen. *Em Nome de Deus*. São Paulo: Companhia das Letras, 2001, p. 16.

<sup>82</sup> Não a todos, conforme Karen Armstrong. Este é o cerne da questão da autora para explicar a gênese do fundamentalismo.

<sup>83</sup> GIDDENS, Anthony. *As Consequências da Modernidade*. São Paulo. Ed: UEP, 1991, p. 16.

A postura dos Batistas Regulares no contexto da sociedade moderna pode ser entendida então, de acordo com o sociólogo Zygmunt Bauman, como uma “comunidade de fiéis que anelam por um lugar aconchegante, confortável e seguro”<sup>84</sup>. Praticamente todas as comunidades defendem a idéia de que fora de sua convivência não há segurança. “E ainda: numa comunidade podemos contar com a boa vontade dos outros. Se tropeçarmos e cairmos, os outros nos ajudarão a ficar de pé outra vez. Ninguém vai rir de nós, nem ridicularizar nossa falta de jeito e alegrar-se com nossa desgraça”<sup>85</sup>.

Por outro lado, parece que o tipo de comunidade em que o cuidado de uns aos outros almejados de modo pleno não passa de apenas um sonho, uma busca pelo paraíso perdido que precisa ser alcançado. Se entendermos que os Batistas Regulares representam uma coletividade que pretende ser a comunidade do aconchego e dos sonhos, então, precisamos primeiramente compreender que toda vida em comunidade exige lealdade incondicional aos seus postulados sob pena de quem não se enquadrar nos acordos do grupo ser considerado um traidor, com possibilidades de ser excluído do grupo por “ferir os Distintivos Batistas Regulares, seus estatutos e artigos de fé”<sup>86</sup>.

Sobre isto ainda, é notável a decisão da assembléia geral das Igrejas Batistas Regulares do Brasil em 1981 de confirmar um desejo expresso em carta de uma das sociedades missionárias que iniciaram o trabalho Batista Regular no Brasil, a Baptist Mid-Missions de que houvesse a “exclusão automática de membros do conselho que perdem a condição de membro de Igrejas Batistas Regulares”; o que a assembléia respondeu que “acreditamos ser esta uma prática sadia e que melhor atende à pureza das nossas organizações”<sup>87</sup>.

Existe uma preocupação constante nos documentos oficiais deste grupo religioso em manter uma identidade protetora. Na reunião da diretoria da Associação Geral de Igrejas Batistas Regulares do Brasil em 1984 para definir os assuntos e temas tratados na próxima assembléia (1985), ficou definido que fosse proposto ao plenário os temas em forma de colunas. Colunas estas que ajudariam a continuar sustentando o movimento em face aos desafios que cada igreja estaria enfrentando naquele momento

---

<sup>84</sup> ATA DA 2ª SESSÃO DA 7ª ASSEMBLÉIA GERAL DA ASSOCIAÇÃO GERAL DE IGREJAS BATISTAS REGULARES DO BRASIL, realizada no Templo da Igreja Batista de Juazeiro do Norte, Ceará, no dia 11 de julho de 1967.

<sup>85</sup> BAUMAN, Zygmunt. Comunidade. Rio de Janeiro: Zahar, 2003, p. 8.

<sup>86</sup> Estatuto da Associação de Igrejas Batistas Regulares do Brasil. Capítulo VI (Da Admissão e Demissão de Igrejas), Artigo 26.

<sup>87</sup> ATA DA 6ª ASSEMBLÉIA ORDINÁRIA DA XIV ASSEMBLÉIA GERAL DAS IGREJAS BATISTAS REGULARES DO BRASIL, realizada aos 15 do mês de Julho de 1981, no Centro Cultural Governador César Carls, a convite da 1ª Igreja Batista Regular de Juazeiro do Norte – Ceará.

em especial, e manteria assim a força e pureza do grupo. Os temas foram assim definidos:

“A coluna Doutrinária objetiva uma apresentação do valor da unidade doutrinária dentro do movimento, mostrando onde estão os limites de tolerância; A Coluna do Trabalho irá mostrar a visão missionária como segredo de solidez e integração do grupo; A Coluna da Vida apresentará o lado positivo da santidade, isto é, a comunhão com Deus, a Coluna da História visa reafirmar os motivos de nossas peculiaridades; a Coluna da Adoração tratará de oferecer orientação quanto a música, pois ela deverá ser de uma maneira que seja agradável aos homens e a Deus; a Coluna da Separação estabelecerá os limites de comunhão com evangélicos de outros grupos. Todos os oradores, inclusive dos devocionais, devem relacionar as suas exposições com o espírito do programa, levando em conta os dois objetivos que são: confirmar a segurança do nosso movimento; ele está alicerçado sobre colunas que desafiam o tempo, e desenvolver a integração do trabalho, ainda que a preço a ser pago seja muito alto”<sup>88</sup>.

A segurança prometida na vida em comunidade, de certa forma, limita a liberdade individual. Paradoxalmente para alguém alcançar uma desejada segurança é necessário abrir mão da liberdade individual, se ganha uma coisa e perde-se outra. De acordo com Bauman, “não ter comunidade significa não ter proteção; alcançar a comunidade, se isto ocorrer, poderá em breve significar perder a liberdade”<sup>89</sup>. Talvez o grande desafio das comunidades atuais seja em verificar até que ponto os seus valores tornam mais visível à contradição entre segurança e liberdade. Cada vez que essa contradição é mais alimentada na convivência humana, como afirma Francisco Jean Carlos da Silva, “difícilmente ocorrerá um concerto que possa diminuir equilibradamente essa contradição, pois não podemos ter segurança e liberdade simultaneamente na quantidade que quisermos”<sup>90</sup>.

A existência hoje das comunidades ocorre porque a vida moderna não parece capaz de oferecer a segurança desejada pelos indivíduos que cada vez mais vivem atolados na incerteza e insegurança, filhas da própria modernidade. Então, a necessidade de encontrar um lugar seguro parece estar presente neste início de século. Novamente Bauman nos auxilia ao defender que “o sentido de lugar se baseia na necessidade de

<sup>88</sup> Ata da sessão da Diretoria da Associação de Igrejas Batistas Regulares do Brasil, realizada no dia 13 de abril de 1984, nas dependências do Seminário Batista do Cariri – CE.

<sup>89</sup> BAUMAN, Zygmunt. Op. Cit., p. 10.

<sup>90</sup> SILVA, Francisco Jean Carlos da. Op. Cit., p. 69.

pertencer não a uma ‘sociedade’ em abstrato, mas a algum lugar em particular; satisfazendo essa necessidade, as pessoas desenvolvem o compromisso e a lealdade”<sup>91</sup>.

Outro aspecto importante que percebi nas fontes analisadas está na concepção sobre este mesmo indivíduo Batista Regular inserido na sociedade, é que o pensamento Batista volta-se mais para o indivíduo em detrimento da sociedade. O Distintivo Batista Regular sobre a salvação afirma que a “regeneração é o ato inicial da salvação em que Deus faz nascer de novo o pecador perdido, dele fazendo uma nova criatura em Cristo”<sup>92</sup>. Assim podemos perceber que a crença dos batistas aponta para uma percepção do indivíduo na sociedade: primeiramente, busca-se converter religiosamente o indivíduo; depois, esse indivíduo transformado pode ajudar a manter a situação instituída, ou ser um instrumento para mudanças sociais. Assim, os religiosos estão mais voltados para o indivíduo e suas mudanças, do que para um indivíduo que possa mudar a sociedade; o que dialoga com a tradição protestante de salvação individual, e de busca de um relacionamento pessoal com Deus.

Pelo que percebi nas fontes não há uma proposta de mudança social, mas uma proposta de mudança do indivíduo, que não se traduz em transformações sociais. Por esse principal motivo, os documentos formais que dialogam com os representantes da instituição Batista Regular, apontam para as carências dos indivíduos e como a religião pode ajudá-los, prioritariamente a partir da conversão do sujeito. Essa visão de transformar o indivíduo leva a coletividade religiosa a realizar eventos de evangelização, onde essa pessoa pode experimentar a conversão religiosa<sup>93</sup>.

Enfim, o pensamento dos batistas volta-se para o indivíduo: esse sim precisa ser transformado, independente de qualquer mudança no cenário da sociedade onde o mesmo está inserido.

#### **D. Formação de uma Identidade Coletiva Batista Regular com base em suas crenças.**

Os Batistas Regulares desde sua origem nos Estados Unidos procuraram estabelecer sua identidade com base nas doutrinas que afirmam ser neo-testamentárias, ou seja, bíblicas. Como exemplo, novamente citamos a declaração de propósito no

<sup>91</sup> BAUMAN, Zygmunt. Op. Cit., p. 110.

<sup>92</sup> SWEDBERG, Mark (relator). Distintivos Batistas Regulares. São Paulo: Editora Batista Regular, 2003, p. 21.

<sup>93</sup> ATA DA 1ª SESSÃO DA ASSOCIAÇÃO GERAL DAS IGREJAS BATISTAS REGULARES DO BRASIL, realizada no dia 23 de maio de 1955, no Prédio do Instituto Bíblico do Bonfim, Estado do Rio Grande do Norte.

momento de estabelecimento do grupo, onde se comprometem fielmente a promover o seu legado através das Sagradas Escrituras<sup>94</sup>. E no Brasil o nome desde o início, conforme a ata da 5ª Associação de Igrejas Batistas Regulares do Brasil foi utilizado para “distinguir os Batistas fiéis à ‘regra’, isto é, à forma original de fé confessada pelos Batistas antigos”<sup>95</sup>.

Ao se identificarem como um grupo conservador mostra em suas doutrinas uma sistematização de dogmas fechados, constituindo em suas práticas, como afirma o sociólogo Edgar Morin, “um núcleo duro”<sup>96</sup>, que resiste a tudo que possa ameaçar, alterar de modo inovador a sua homeostasia. Entre estes uma de nossas fontes menciona o “modernismo, romanismo, ecumenismo e pentecostalismo”<sup>97</sup>. Bem como está claramente delineada em suas Doutrinas Distintivas<sup>98</sup> que foram posteriormente publicadas pela Editora Batista Regular com o título: Os Distintivos Batistas Regulares<sup>99</sup>. Doutrinas que estão pautadas em 10 tomos: Bibliologia; Teologia; Cristologia; Pneumatologia; Antropologia e Hamartiologia; Soteriologia; Angelologia e Demonologia; Eclesiologia; Prática Eclesiástica e Escatologia. Esse é para mim o maior marco de formação de identidade do grupo Batista Regular, pois são verdades incontestáveis para o grupo.

O Missionário Jim Wilson afirma em uma das palestras ao plenário da Associação das Igrejas Batistas Regulares em 1979 “que vivemos numa selva teológica e para a sobrevivência autêntica da sã doutrina, é necessário a observância dos distintivos Batistas Regulares”<sup>100</sup>. Ele continua ainda mostrando a importância das escolas teológicas no processo de afirmação destes distintivos:

“Afirma o missionário Jim Wilson que deve haver por parte dos Seminários a necessidade de pontificar aos alunos os distintivos que caracterizam os Batistas Regulares através dos tempos. Salientou o preletor que a força do movimento não está no STAFF da Associação das Igrejas, mas inserida no denoto e visão do Pastor da

<sup>94</sup> Disponível em: <http://www.garbc.org>. Acesso em 30 de Agosto de 2010.

<sup>95</sup> ATA DA 2ª SESSÃO DA 5ª ASSEMBLÉIA DA ASSOCIAÇÃO GERAL DAS IGREJAS BATISTAS REGULARES DO BRASIL, realizada no Templo da Igreja Batista Regular do Bom Retiro na capital de São Paulo, às 14 horas do dia 11 de fevereiro de 1964.

<sup>96</sup> MORIN, Edgar. O Método IV: as ideias. Portugal: Europa, América, 1991, p. 116.

<sup>97</sup> ATA DA 1ª SESSÃO DA ASSOCIAÇÃO GERAL DAS IGREJAS BATISTAS REGULARES DO BRASIL, realizada no dia 23 de maio de 1955, no Prédio do Instituto Bíblico do Bonfim, Estado do Rio Grande do Norte.

<sup>98</sup> Aprovados pela XXV Assembléia das Igrejas Batistas Regulares do Brasil, em 23 a 27 de abril de 2003, Caraguatatuba, São Paulo.

<sup>99</sup> SWEDBERG, Mark. Op. Cit., p. 3.

<sup>100</sup> Ata da 2ª sessão ordinária da 13ª Assembléia Geral da Associação de Igrejas Batistas Regulares do Brasil, realizada aos 16 dias do mês de julho, de mil novecentos e setenta e nove, no templo da Igreja Batista do Cachoeirinha, Manaus, Estado do Amazonas.

Igreja local formado em uma instituição batista regular. Finalizando, disse o irmão Jim Wilson que confia nos reais destinos dos Batistas Regulares”<sup>101</sup>.

Ainda nesta mesma assembléia percebemos a importância dada pelo grupo aos seminários neste processo de formação de uma identidade quando resolve recomendar a uma das instituições de ensino teológico aprovada pelo movimento “que seja recomendado ao Conselho Diretor do Seminário e Instituto Bíblico Batista – SP, maior ênfase (sic) aos distintivos Batistas Regulares, bem como maior separação de movimentos não Batistas Regulares e Interdenominacionais”<sup>102</sup>.

Além das escolas teológicas, percebemos através dos anais batistas regulares que a própria Associação de Igrejas Batistas Regulares carrega esta responsabilidade de manter a identidade. Nos estatutos da entidade o artigo segundo afirma que é de responsabilidade da AIBREB<sup>103</sup>, “servir e fortalecer na unidade cristã as igrejas que a constituem, animar e promover entre elas a cooperação, a oração, o evangelismo, a obra missionária, a fé cristã, a sã doutrina bíblica, a separação do mundanismo, das heresias, dos erros teológicos, a prática da assistência social e a educação de acordo com as sagradas Escrituras”<sup>104</sup>. E o presidente da Associação no biênio de 1984/1985, Pastor Davi de Lima Gino afirmou que “a Associação integra, produz comunhão, informa e protege o grupo”<sup>105</sup>, sendo ainda, de acordo com o missionário Richard Buck tão “necessária quanto a 40 anos atrás”<sup>106</sup>.

Conforme o professor de Antropologia e História das Religiões da Universidade de Milão, Aldo Natale Terrin, “existe em toda religião um núcleo de verdade incontestáveis; existe um momento de inserção no real e no social através de um conjunto de crenças que dá a uma determinada religião uma face e uma fisionomia próprias”<sup>107</sup>. Sendo assim, o credo de uma religião assume uma espécie de profissão de fé e uma coletânea de verdades da fé. Talvez os Batistas Regulares se encaixem nesse tipo de expressão de fé porque como uma religião fundamentalista cristã aspira a voltar

---

<sup>101</sup> Ibidem

<sup>102</sup> Ibidem.

<sup>103</sup> Associação Geral das Igrejas Batistas Regulares do Brasil

<sup>104</sup> Estatuto da Associação de Igrejas Batistas Regulares do Brasil. Capítulo I (Da Denominação, Sua Sede, Natureza e Seus Fins) Artigo 2º.

<sup>105</sup> ATA DA 2ª SESSÃO DA ASSEMBLÉIA GERAL DA ASSOCIAÇÃO GERAL DAS IGREJAS BATISTAS REGULARES DO BRASIL, realizada no dia onze de Julho de mil novecentos e oitenta e cinco, em Recife, Pernambuco.

<sup>106</sup> ATA DA XX SESSÃO DA ASSEMBLÉIA DA ASSOCIAÇÃO GERAL DAS IGREJAS BATISTAS REGULARES DO BRASIL, no dia 13 de julho de 1993, na Igreja Batista Regular de Cachoeirinha, Manaus, Amazonas.

<sup>107</sup> TERRIN, Aldo Natale. Antropologia e Horizontes do Sagrado. São Paulo: Paulus, 2004, p. 392.

a doutrinas claras e crenças fortes. O credo é transformado num “fazer”, em princípios éticos e na severidade dos princípios morais em que se inspira, sendo assim, acabam por distingui-los de outros grupos, formando assim uma identidade própria.

Falando sobre a importância de um corpo doutrinário para o movimento um dos primeiros pastores do movimento, José Pereira da Silva, afirmou em 1967 que:

“A definição doutrinária nos é útil ‘para nos dar o som certo sob que devemos marchar’ e os princípios doutrinários servem como **um casco para proteger** aquilo que conseguirmos realizar”. Encarou o pregador, em sua exposição às doutrinas das Escrituras e da Igreja Local, mostrando a importância de um bom discernimento desses ensinamentos e mostrando os perigos que os ameaçam. Fez as declarações seguintes: ‘As igrejas não foram feitas para se preocuparem consigo mesmas, não, mas com o trabalho de Deus’. ‘Estas reuniões nos ajudam a unificar e uniformizar nosso trabalho e a nossa ortodoxia deve ser não somente **a casca que nos protege**, mas, também, trombeta que nos dá o sinal certo para fazermos a obra de Deus’”<sup>108</sup>.

Vemos que esta preocupação continuou ainda presente nas discussões da Assembléia Nacional, pois o Pastor Armando Bispo em 1985 reafirma a necessidade da doutrina para manutenção da identidade batista regular:

“A doutrina, assim, é defendida desde os apóstolos, continuada, essa defesa, pela Reforma Protestante, Reforma Inglesa e pelas diversas Confissões de Fé em muitos países do mundo. Filhos desse zelo, são os Batistas Regulares que, por volta de (1920) mil novecentos e vinte, começam a tomar forma. Os movimentos doutrinários surgiram por causa da doutrina. Entre nós, a função da doutrina deve ser vista ao prover a unidade, a consciência de defesa, de debate acadêmico nos pontos fundamentais, uma comunhão em amor nos pontos pacíficos, digo, uma comunhão pacífica em amor, etc.”<sup>109</sup>

Como exemplo das doutrinas estabelecendo marcos de identidade, verificamos que os Batistas Regulares possuem uma visão pré-milenarista<sup>110</sup> no que se refere à volta de Cristo. Esta visão, de acordo com o missionário Jim Wilson em pronunciamento na 2ª Assembléia das Igrejas Batistas Regulares do Brasil, “difere da apresentada pela

<sup>108</sup> ATA DA 1ª SESSÃO DA 7ª ASSEMBLÉIA GERAL DA ASSOCIAÇÃO GERAL DAS IGREJAS BATISTAS REGULARES DO BRASIL, realizada no dia dez do mês de julho de 1967, no Templo da Igreja Batista Regular de Juazeiro do Norte, Ceará.

<sup>109</sup> ATA DA 3ª SESSÃO DA ASSEMBLÉIA GERAL DA ASSOCIAÇÃO GERAL DAS IGREJAS BATISTAS REGULARES DO BRASIL, realizada no dia doze de mil novecentos e oitenta e cinco, no templo da Igreja Batista Regular da UR-6, Recife, Pernambuco (grifo meu).

<sup>110</sup> Posição pré-milenarista defende que Cristo retornará ao mundo, literal e corporalmente, antes de começar a era milenar; e por Sua presença, será instituído um reino sobre o qual Ele reinará. Este reino é caracterizado pela paz, segurança e as bem-aventuranças derramadas sobre a vida dos fiéis (Fonte: PENTECOST, j. Dwight. Manual de Escatologia. São Paulo: Editora Vida, 1999, p. 383).

Convenção Batista Brasileira”<sup>111</sup>, que é a amilenista<sup>112</sup>. Além da visão pré-milenarista, outras crenças expressam a espiritualidade desse grupo, no sentido de que em sua liturgia não há espaço para inovações que modifique significativamente o modelo adotado. A certeza doutrinária de que o crente é salvo e não pode perder a sua salvação, para uma vida eterna de total felicidade e conseqüentemente a salvação dos males desse mundo. O separatismo, que segundo o entendimento dos Batistas Regulares é parte integrante de suas principais doutrinas, também os distingue de outros grupos religiosos. O Batista Regular Pastor Addson Araújo citado por Silva nos diz em uma das Assembléias Regionais do Rio Grande do Norte:

“Adotamos a separação do mundo, da ideologia e influência do mundo, inclui também o Governo (Romanos 12.1-2), a separação particular, que é guardar-se santo, isento da corrupção do mundo e a sujeição da carne para que o Espírito trabalhe (Tiago 1.27). Ao contrário do que muitos imaginam separação não é uma opção mas um mandamento”<sup>113</sup>.

Agora, procurarei analisar nas atas da Associação Batista Regular do Brasil, bem como em outros documentos produzidos pelo grupo, as turbulências e embates que marcaram a formação da identidade deste grupo no país.

---

<sup>111</sup> ATA DA 1ª SESSÃO DA ASSOCIAÇÃO GERAL DAS IGREJAS BATISTAS REGULARES DO BRASIL, realizada no dia 23 de maio de 1955, no Prédio do Instituto Bíblico do Bonfim, Estado do Rio Grande do Norte.

<sup>112</sup> Esta posição escatológica defende que não haverá um milênio literal na terra após a volta de Cristo. Todas as profecias a respeito do reino estão sendo cumpridas espiritualmente pela igreja no período entre os dois adventos. (Fonte: PENTECOST, J. Dwight. Manual de Escatologia. São Paulo: Editora Vida, 1999, p. 385).

<sup>113</sup> COSTA, Addson. Apud. SILVA, Francisco Jean Carlos da. Op. Cit., p. 71.

### Capítulo 3

#### Embates na formação da identidade Batista Regular

Os axiomas defendidos pelos Batistas Regulares poderão ser compreendidos como um sistema de idéias fechadas, no sentido de que se protege contra qualquer pensamento diferente de seus postulados. Por outro lado, como afirma Silva, por ser uma religião, é um “sistema aberto porque se alimenta de confirmações e verificações do mundo exterior”<sup>114</sup>.

De acordo com Rubem Alves, “o inimigo é aquele que deseja a minha perdição. Inimigo é aquele com quem não se pode nem dialogar nem cooperar. No diálogo, os participantes se definem como companheiros numa busca comum”<sup>115</sup>. Conforme o historiador Edilson Soares de Souza, poderíamos analisar esta proposta em duas partes: “na primeira, a figura do inimigo é enfatizada, revelando o seu lugar na construção da identidade grupal, pois se o grupo que busca inserção social apresenta-se como aquele que tem uma mensagem de transformação do indivíduo, o grupo religioso majoritário precisa ser identificado como um inimigo; na segunda, pode - se considerar o conceito de diálogo, cujo resultado é o envolvimento e a cooperação”<sup>116</sup>.

Os Batistas Regulares consideraram como inimigos em seus documentos o “romanismo, modernismo, ecumenismo e pentecostalismo”<sup>117</sup>. No presente trabalho pretendo abordá-los cronologicamente (inimigo romano, inimigo ecumênico, inimigo carismático e inimigo moderno), como aparecem nas fontes, analisando os embates com estes grupos em meio a sua tentativa de manter sua identidade religiosa.

#### a. O “Inimigo Romano”

Conforme Antônio Gouveia Mendonça no século XIX, a “luta dos protestantes por um espaço religioso na sociedade brasileira desenrolou-se em três níveis: o polêmico, o educacional e o proselitista”<sup>118</sup>. Já no século XX os protestantes tinham pela frente um “adversário” a ser combatido, e para isso, precisavam utilizar-se das

<sup>114</sup> SILVA, Francisco Jean Carlos da. Op. Cit., p. 73.

<sup>115</sup> ALVES, Rubem. Religião e repressão. São Paulo: Loyola, 2005, p. 286.

<sup>116</sup> SOUZA, Edilson Soares de. Diálogos (Re) Velados: A Trajetória e os Discursos político-doutrinários dos Batistas Brasileiros 1974-1985. Dissertação apresentada pelo curso de pós-graduação em História da Universidade Federal do Paraná. Curitiba, 2008, p. 49.

<sup>117</sup> ATA DA 1ª SESSÃO DA ASSOCIAÇÃO GERAL DAS IGREJAS BATISTAS REGULARES DO BRASIL, realizada no dia 23 de maio de 1955, no Prédio do Instituto Bíblico do Bonfim, Estado do Rio Grande do Norte.

<sup>118</sup> MENDONÇA, Antonio Gouvêa. O Celeste Porvir - a inserção do protestantismo no Brasil. 3ª. ed. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2008, p. 78.

brechas deixadas pelo catolicismo neste momento histórico brasileiro. É exatamente esse vazio que de acordo com Leonildo Silveira Campos, gera a oportunidade para a ação de novos agentes “vendedores”, verdadeiros empreendedores que vão disputar com outros “empresários simbólicos” um lugar dentro do “mercado de bens simbólicos”<sup>119</sup>. Desde a década de 1940 o clima é de concorrência, porque os diversos grupos religiosos operantes no país lutam por melhores resultados, sem os quais não se pode ocupar um lugar honroso nessa sociedade de desiguais. É por isso, ainda segundo Campos, que em “virtude do empreendedor inicial não



Figura 5 – Foto dos missionários Charles Hocking (dir.) e Harold Rainer (esq.) na entrada da cidade de Barbalha, Ceará (1952). Fonte: Arquivo pessoal de Erica McLain

conseguir se legitimar diante de seus pares, ele passa a acumular um capital religioso próprio, fazendo dos resultados alcançados sua própria fonte de legitimação”<sup>120</sup>.

A figura 5 é de 1952, e apresenta dois missionários batistas regulares, Charles Hocking e Harold Reiner ao lado do letreiro da casa na entrada da cidade de Barbalha, Ceará. O letreiro é notável, pois pode nos ajudar a entender o contexto em que alguns dos primeiros batistas regulares estavam inseridos. Um contexto de concorrência, mas talvez ainda sem querer dar espaços dentro de suas fileiras para o proselitismo.

A intolerância religiosa no final do século XIX e começo do século XX, que atingiu batistas e católicos, foi um elemento que contribuiu para o fomento e a permanência dos embates entre os dois grupos da cristandade. Posteriormente, com os diálogos ecumênicos desenvolvidos na primeira metade do século XX, protestantes e católicos se aproximaram, buscando identificar diferenças e semelhanças. A posição separatista dos batistas, não apenas no Brasil, mas também nos Estados Unidos, inspirou produções como a inglesa, que foi publicado no Brasil na década de 1960, com o título *O rasto de sangue: acompanhando os cristãos através dos séculos*, ou a história das Igrejas Batistas desde o tempo de Cristo, seu fundador, até os nossos dias<sup>121</sup>. O autor da

<sup>119</sup> CAMPOS, Leonildo Silveira. *Teatro, templo e mercado: organização e marketing de um empreendimento neopentecostal*. São Paulo: Vozes, 1997, p. 54.

<sup>120</sup> Ibidem, p. 54.

<sup>121</sup> CARROLL. J. M. *O Rasto de Sangue*. Rio de Janeiro: Casa Publicadora Batista, [195?].

obra é o Dr. J. M. Carrol, que publicou a sua tese nos Estados Unidos, com grande aceitação pelos religiosos do continente americano.

Segundo a tese de J. M. Carroll, cristãos com princípios e valores religiosos semelhantes aos defendidos pelos batistas contemporâneos sempre existiram, e isso simultaneamente ao desenvolvimento do Catolicismo Romano na Idade Média. Na interpretação de Carroll, embora esses grupos fossem conhecidos por outros nomes, eles representaram o pensamento dos discípulos de Jesus Cristo desde a organização das primeiras igrejas cristãs no primeiro século, sendo identificados como batistas nos últimos séculos.

Embora essa fosse uma tese muito aceita no início do século XX e vista com simpatia pelos batistas brasileiros, não existem fontes historiográficas suficientes, até o momento, que permitam defender a tese de uma continuidade entre os seguidores do cristianismo na época do Império Romano até os batistas do século XX. Agora, se vincularmos isto à questão da construção da identidade do grupo, existe uma ligação com o passado que virá a funcionar enquanto elo entre a sua história de vida, anteriormente fixada e a atualmente vivida. Sob esse aspecto, nota-se uma constante negociação do sujeito com uma história já vivida. Stuart Hall afirma que ainda existem hoje “fortes tentativas para se reconstruírem identidades purificadas”<sup>122</sup>. Essa tentativa de conferir um passado mítico é certamente uma forma de alicerçar uma identidade firme e consolidada para um grupo religioso. Quando grupos batistas como os mencionados acima, procuram se identificar com os primeiros cristãos que não apostataram da fé, e são herdeiros do “puro” cristianismo neo-testamentário, trazem uma legitimação a sua identidade, conferindo assim, distinção perante os demais.

Os batistas no Brasil, de acordo com Edilson Soares de Souza iniciaram a sua trajetória num período de transformações sócio-políticas, já que o país experimentava a ruptura de um sistema político imperial para dar início ao republicano<sup>123</sup>. Desta forma, batistas e republicanos deram os seus primeiros passos no final do século XIX, e buscaram se firmar nas primeiras décadas do século seguinte. Tentando assim, de acordo com Manuel Castells, estabelecer uma identidade de resistência: “criada por atores contrários à dominação atual, criando resistências com princípios diferentes ou

---

<sup>122</sup> HALL, Stuart. A identidade cultural na pós-modernidade. 10ª ed. Rio de Janeiro: dp&a; 2005, p. 92.

<sup>123</sup> SOUZA, Edilson Soares. Op. Cit., p. 48.

opostos a sociedade”<sup>124</sup>. Segundo Mendonça, o apoio dos protestantes – entre eles os batistas – às leis republicanas, “principalmente as que legitimavam a separação entre Estado e Igreja, contrariava os interesses da Igreja Católica, que percebia a sua influência reduzir-se com os avanços do novo sistema político”<sup>125</sup>. Confirmando a intenção de alguns grupos protestantes no sentido de se eleger um inimigo, líderes do catolicismo romano foram identificados como uma ameaça ao avanço do evangelho em toda a América Latina.

O historiador J. Reis Pereira afirma que:

“a pregação do evangelho pelos batistas não era vista com bons olhos pelos sacerdotes católicos. Tanto mais que o povo ouvia os pregadores. O povo brasileiro é, em geral, tolerante. Mas pode chegar a extremos de violência quando açulado pelos seus líderes religiosos. E isso aconteceu inúmeras vezes (...) Inicialmente, os padres atacavam os pregadores no púlpito e através de artigos nos jornais da cidade. Uma acusação frequente era de que os protestantes usavam Bíblias falsas. Quando esses meios falhavam e continuava a haver conversões, apelavam para a violência, algumas vezes contando com a ajuda das autoridades”<sup>126</sup>

Porém, creio que algumas atitudes dos primeiros batistas em solo brasileiro contribuíram de certa forma para esta aversão do catolicismo. Por exemplo, William Bagby, primeiro missionário batista em solo brasileiro, fez uma longa viagem pelo território do Brasil a fim de escolher o melhor lugar para se estabelecer uma das primeiras igrejas batistas no país. Após intensa busca, decidiu-se por Salvador, pois era de acordo com J. Reis Pereira “a cidade mais católica do Brasil naquela época”<sup>127</sup>. Guy McLain, um dos primeiros missionários batistas regulares do Brasil, também após receber informações de americanos que aqui se estabeleceram, decidiu por iniciar o trabalho de evangelização no Vale do Cariri<sup>128</sup>, mais especificamente em Juazeiro do Norte, território dominado pelos fiéis de Padre Cícero. Pastor Alceu Olimpio Ferreira mencionou também na assembléia de 16 de junho de 1993 que juntamente com os fiéis de sua igreja em Caçapava foram entregar folhetos para os romeiros em Aparecida do Norte. Conta o sacerdote que os seguranças da Basílica ficaram furiosos e os retiraram

<sup>124</sup> CASTELLS, Manuel. O poder da identidade. Tradução Klauss Brandini Gerhardt. 2.ed. São Paulo: Paz e Terra, 2000, p. 70.

<sup>125</sup> MENDONÇA, Antonio Gouvêa. Op. Cit. 2008, p. 67.

<sup>126</sup> PEREIRA, J. Reis. Breve História dos Batistas. 4ª Ed. Rio de Janeiro, JUERP, 1994, p. 82.

<sup>127</sup> Ibidem, p. 83.

<sup>128</sup> STRONG, Polly. Burning Wicks. 2ª ed. Cleveland, Baptist-Mid-Missions, 1986, p. 158.

da praça por “incitarem a desordem naquele local sagrado”<sup>129</sup>. Ou seja, podemos perceber que a ação dos batistas acabou por provocar reações dos católicos.

De acordo com o relatório de Guy McLain “o Vale do Cariri tinha uma reputação desinquietadora, pois Juazeiro do Norte era considerada a cidade mais fanática do Brasil, e onde era quase impossível a um protestante entrar”<sup>130</sup>. O Padre Cícero, o famoso padre católico, havia morrido recentemente. Muitos acreditavam que ele era o Cristo e que iria ressuscitar dos mortos. As pessoas tinham certo receio com as pessoas de fora da cidade ou mesmo as que contestassem sua devoção ao Padre Cícero. Este sentimento era presente possivelmente pela proximidade com os acontecimentos da revolta ou sedição de Juazeiro onde o povo pegou as armas para derrubar o então governador do Ceará Franco Rabelo com o auxílio da liderança de Padre Cícero. Num dos primeiros relatórios do missionário batista regular a missão Baptist-Mid-Missions, Guy McLain relata que ao chegar a Juazeiro, hospeda-se em um hotel de propriedade de um homem que alegava ser presbiteriano. Seu nome era Francisco, mas as pessoas da cidade o chamavam de “bode” (apelido pelo qual chamavam os não-católicos). A atitude anticatólica do proprietário do hotel fê-lo receber, de boa vontade, esse missionário americano.

Dois ou três dias depois de sua chegada, McLain recebeu a visita do padre local juntamente com uma multidão de cerca de trezentas pessoas. O padre saudou Guy como faria a qualquer estrangeiro a visitar a cidade, mas deixou claro que “ele era o único pastor naquela cidade Católica Romana. Nenhum outro pastor era bem-vindo; nenhuma outra religião podia ser pregada”<sup>131</sup>.

O proprietário do hotel ficou furioso. Com seu grande corpo negro, ele se colocou entre Guy e o padre, dizendo:

“Escuta só, eu ganho o meu dinheiro aqui e você ganha o seu dinheiro lá na igreja. Eu não vou até lá para lhe dizer como dirigir o seu negócio, então, não venha você até aqui para dizer a mim, ou a meus hóspedes, quem é que pode ficar no meu hotel. Se você não deixar em paz a mim e a meus clientes, qualquer dia desses vou te encontrar sozinho pela rua e arrancar esse seu hábito preto, e deixar que todo mundo veja o que está por baixo dele. Além disso, estou profetizando, neste exato momento, que vai chegar o dia em que este missionário protestante americano vai estar em pé bem no meio da

---

<sup>129</sup> ATA DA 2ª SESSÃO DA XX ASSEMBLÉIA DA ASSOCIAÇÃO GERAL DAS IGREJAS BATISTAS REGULARES DO BRASIL, realizada no dia 16 de junho de 1993, na Igreja Batista Regular de Cachoeirinha, Manaus, Amazonas.

<sup>130</sup> Relatório Missionário de Guy McLain a Baptist-Mid-Missions, datado de 22 de janeiro de 1936.

<sup>131</sup> Ibidem.

praça pública de Juazeiro do Norte e pregar o evangelho, e você não vai poder fazer nada a respeito”<sup>132</sup>.

Enquanto esse episódio ocorria, McLain, discretamente, foi para seu quarto, pegou uma de suas Bíblias protestantes, em português, escreveu uma dedicatória, e levou-a para o sacerdote. Quando o proprietário acabou de falar, Guy disse, em seu português fraco: “Eu apreciei sua visita. Esta é a primeira visita oficial que recebo desde que cheguei à cidade. Como lembrança, gostaria de lhe oferecer este presente”<sup>133</sup>, e entregou a Bíblia ao padre.

O mesmo missionário relata em anos posteriores que os padres proibiram aos “fornecedores de leite e de água potável que vendessem seus produtos aos estrangeiros”<sup>134</sup>. Entretanto, o prefeito da cidade, em uma briga política com os sacerdotes católicos resolve permitir as atividades missionárias dos batistas regulares na região, e chega a afirmar que se as pessoas não vendessem leite, pão e água para esses americanos, “iriam perder todas as suas licenças”<sup>135</sup>. McLain menciona também que o povo era incitado a imitar um bode, jogar tomates, ou mesmo jogar areia ao ar para atrapalhar a pregação do missionário americano<sup>136</sup>. Importante mencionar, ainda que com todo cuidado possível, pois uma denominação sempre desejará ressaltar o sucesso de sua missão religiosa, que o missionário Richard Buck em exposição à Assembléia da AIBREB em 1993, diz que o Guy McLain sofreu muitas perseguições na cidade de Juazeiro do Norte, “mas ao longo do tempo o campo cearense tornou-se o mais frutífero do Brasil”<sup>137</sup> para os batistas regulares.

Outro missionário batista regular, Arlie Ross, menciona em seu relatório à missão que em Iucabi, Amazonas, os padres ameaçavam os pais de que se mandassem seus filhos para “aquela igreja” (Batista), “você será excomungada da Igreja Católica e as outras pessoas deveriam parar de negociar com você”<sup>138</sup>.

Importante é mencionar que estes relatórios são feitos pelos próprios missionários batistas regulares, e certamente possuem o seu ponto de vista sobre a situação. Sendo assim, tais fontes institucionais podem estar carregadas de preconceitos

---

<sup>132</sup> Ibidem.

<sup>133</sup> Ibidem.

<sup>134</sup> Relatório Missionário de Guy McLain a Baptist-Mid-Missions, datado de 16 de fevereiro de 1936.

<sup>135</sup> STRONG, Polly. Op. Cit., p. 160.

<sup>136</sup> Relatório Missionário de Guy McLain a Baptist-Mid-Missions, datado de 12 de maio de 1936.

<sup>137</sup> ATA DA 2ª SESSÃO DA XX ASSEMBLÉIA DA ASSOCIAÇÃO GERAL DAS IGREJAS BATISTAS REGULARES DO BRASIL, realizada no dia 13 de junho de 1993, na Igreja Batista Regular de Cachoeirinha, Manaus, Amazonas.

<sup>138</sup> Relatório Missionário de Arlie Ross a Baptist-Mid-Missions, datado de 14 de outubro de 1939.

e interpretações que precisamos relativizar, cientes que estes relatos foram construídos para mostrar como o campo missionário era inóspito e difícil, chamando assim a atenção das igrejas que os sustentavam na outra América para o altruísmo de suas atividades missionárias.

### **b. O Inimigo Ecumênico**

Com exceção dos batistas, parece que grupos protestantes como os luteranos, presbiterianos e metodistas desenvolveram uma maior tolerância com relação ao diálogo com o catolicismo romano, promovendo, como afirma Edilson Soares de Souza “uma aproximação inter-religiosa que visava superar divergências sobre questões de ordem político-doutrinárias”<sup>139</sup>. Essa aproximação entre segmentos do protestantismo e catolicismo romano materializou-se em meados do século XX, com os diálogos ecumênicos que se intensificaram na época. Para que o mundo crescesse, como pedia Jesus em oração (João 17.21), era necessário “que todos fossem um”; era necessário, portanto, ultrapassar barreiras denominacionais. “Divisões passaram a ser encaradas como escândalo, pois dificultavam a chegada dos pecadores a Cristo”<sup>140</sup>, diz Reily.

Acredito primeiramente, que uma definição do termo ecumenismo seria vital para o entendimento deste embate. Juan Bosch Navarro, no livro “Para compreender o ecumenismo” admite que o termo não é de fácil compreensão. A palavra *oikoumene* – de onde nos vem ecumenismo -- pertence a uma família de palavras, do grego clássico, relacionadas com termos referentes à morada, assentamento, permanência. Entre essas, temos: *oikos* (casa, vivenda, aposento, povo); *oikeiotês* (relação, aparentado, amizade); *oikeiow* (habitar, coabitar, reconciliar-se, estar familiarizado); *oikonomeô* (administração, encargo, responsabilidade da casa) e, finalmente, *oikoumene*: terra habitada, mundo conhecido e civilizado, universo. “*Oikoumene*, de onde procede diretamente ecumenismo, será, por conseguinte, o mundo habitado em que coexistem diferentes povos, com diversidade de língua e culturas”<sup>141</sup>. Esta seria talvez a definição mais teórica possível, porém, quando falamos de Ecumenismo, de acordo com Wagner Jann no artigo “Uma opinião sobre o Ecumenismo”<sup>142</sup> devemos partir do pressuposto que há diferentes interpretações do termo. Segundo Jann, algo ecumênico pode referir-

<sup>139</sup> SOUZA, Edilson Soares. Op. Cit., p. 57.

<sup>140</sup> REILY, Duncan Alexander, História Documental do Protestantismo no Brasil. São Paulo: ASTE, 1993, p. 234.

<sup>141</sup> NAVARRO, Juan Bosch. Para compreender o ecumenismo. São Paulo: Edições Loyola, Brasil, 1995, p. 10.

<sup>142</sup> Disponível em <http://www.teofilos.net/artigos>, acesso em 23 de outubro de 2010.

se a alguma coisa eclesiástica válida universalmente, por exemplo: os Credos Ecumênicos. E ainda para os mais liberais, há uma proposta que expressa o desejo de unidade entre os “homens de boa vontade”, ou seja, unidade tanto entre cristãos como não-cristãos<sup>143</sup>. Já o Conselho Mundial de Igrejas (CMI) diz que: “ecumenismo é tudo que está relacionado com toda a tarefa de toda a Igreja para levar o Evangelho a todo o mundo”<sup>144</sup>.

Seguindo o ecumenismo pregado e praticado pelos primeiros reformadores, coube de acordo com o jornalista e teólogo presbiteriano, “ao protestantismo a honra de ser o pai do moderno movimento ecumênico”<sup>145</sup>. O século 19 foi marcado pela grande expansão missionária protestante no mundo. Rincões distantes do planeta, como Ásia e África, foram alcançadas pela mensagem evangélica.

Dentro de um universo onde o cristianismo era praticamente desconhecido entre os nativos, a existência das mais variadas denominações e agências missionárias, muitas vezes rivais entre si, tornaram-se motivo de escândalo. Como pregar o nome de Cristo no meio de tanta desunião?

Motivados por estas questões, importantes líderes evangélicos ocidentais organizaram, em 1910, uma conferência missionária mundial na cidade de Edimburgo, Escócia. Como fruto deste congresso, foi constituído, em 1921, o Conselho Missionário Mundial, cuja principal finalidade seria coordenar os esforços evangelísticos dos diferentes grupos protestantes. “Pode-se afirmar que a ânsia por uma interação missionária originou o moderno movimento ecumênico”<sup>146</sup>. Visão esta compartilhada por Agemir de Carvalho Dias quando diz que “o movimento missionário moderno se tornou o *grande impulsionador do diálogo entre as igrejas protestantes*”<sup>147</sup>.

Posteriormente, buscando unificar a atuação social das igrejas, assim como iniciar um diálogo doutrinário entre as mais diversas tradições cristãs, foram organizados os movimentos “Vida e Obra” e “Fé e Ordem”. Ambos os movimentos se uniram, formando, em 1948, o Conselho Mundial de Igrejas (CMI). Em 1961, o Conselho Missionário Mundial filiou-se ao CMI. Hoje, o Conselho Mundial de Igrejas

---

<sup>143</sup> Ibidem.

<sup>144</sup> Disponível em <http://portalecumenismo.net>, acesso em 23 de outubro de 2010.

<sup>145</sup> OLIVEIRA, André Tadeu. A Fé Reformada e o Ecumenismo. São Paulo, 2009, p. 3.

<sup>146</sup> Ibidem, p. 3.

<sup>147</sup> DIAS, Agemir de Carvalho. Caminhos do Ecumenismo. Revista de História Regional 9(2): 57-82, Inverno 2004, p. 66.

é o maior órgão ecumênico do mundo, reunindo 349 igrejas protestantes e ortodoxas em 110 países, contando com mais de 560 milhões de cristãos<sup>148</sup>.

Ao tratar desta mensagem missionária dada como ênfase do ecumenismo, Antônio Gouvêa Mendonça afirma que esta tinha duas características principais, entre outras: “era conversionista e doutrinária”<sup>149</sup>. A separação entre estes dois aspectos da mensagem é meramente pedagógica porque, de fato, são complementares na maioria das vezes. Os casos de adesão exclusivamente intelectual ao protestantismo, passando pelo convencimento da “verdade” protestante em relação à “falsidade” católica, não foram raros. Esta epistemologia comparativa foi ainda de acordo com Mendonça, “muito usada pelos missionários e pregadores nacionais e se fez presente nos seus sermões e cânticos sagrados adaptados no Brasil e na América Latina”<sup>150</sup>. A pregação doutrinária, pedagógica, às vezes de um racionalismo muito acentuado, tem sido historicamente o forte dos púlpitos protestantes. Contudo, Mendonça afirma que “o elemento emocional da teologia perennis percorria caminho mais rápido na adesão das pessoas ao protestantismo. Os melhores pregadores sempre foram aqueles que conseguiram aliar a lógica à emoção”<sup>151</sup>.

Mendonça ainda mostrando que a mensagem das missões protestantes, fosse conversionista ou doutrinária, objetivava uma mudança de mente e uma mudança de vida<sup>152</sup>, isto equivale a substituir os valores tradicionais por um novo padrão de cultura, resultando assim num forte distanciamento do mundo ao seu redor. “Este mundo era o lugar do pecado, do erro, antagônico, portanto, ao universo da ‘verdade’ que o converso passava a aceitar”<sup>153</sup>. Mendonça afirma ainda que:

“toda a responsabilidade pelo ‘erro’ era lançado sobre o ensino e à prática da Igreja Católica. Assim afirmavam os missionários nas suas mensagens e nos hinos que ensinavam aos seus adeptos. Vejamos, a título de exemplo, o que diz um desses hinos na sua versão tradicional:

Da vaidade fiéis servos / Ou romanos ou ateus  
Muitas vezes nos assaltam / Para nos tornarem seus;  
Mas se alguém procura ver-nos / Sem o gozo do bom Deus.  
Vencendo vem Jesus! (Salmos e Hinos, 1957, n. 579)”<sup>154</sup>.

<sup>148</sup> Ibidem, p. 4.

<sup>149</sup> MENDONÇA, A. G. Protestantes, Pentecostais e Ecumênicos - O Campo Religioso e seus Personagens. 1ª ed. São Bernardo do Campo: Editora UMESP, 1997. v. 1, p. 35.

<sup>150</sup> Ibidem, p. 36.

<sup>151</sup> Ibidem, p. 36.

<sup>152</sup> Ibidem, p. 37.

<sup>153</sup> Ibidem, p. 38.

<sup>154</sup> Ibidem, p. 38.

Em relação aos batistas regulares, por serem acentuadamente denominacionalistas e avessos à aproximação com outras igrejas, não estão “ligados a nenhum organismo ecumênico ou de cooperação com as demais igrejas”<sup>155</sup>. A eclesiologia batista é a mesma da congregacional, onde suas igrejas são organizadas totalmente autônomas, e organizam-se, quando isto convém às igrejas, em associações regionais e nacionais para traçar planos e estratégias, mas não obrigam nada as suas igrejas. Antônio Gouvêa Mendonça afirma que “apesar desta liberdade, as igrejas batistas admirável identidade eclesiástica e institucional”<sup>156</sup>.

Observando as atas da AIBREB, podemos perceber que os batistas regulares em sua ânsia de separação pessoal e especialmente eclesiástica, rejeitaram a “união” com outras denominações protestantes a partir do momento em que se estabeleceram como movimento religioso organizado no país. Digo isto, pois nos primórdios da evangelização no Brasil, missionários batistas regulares e mesmo a associação de Igrejas Batistas Regulares uniu-se a ministros de outras denominações, pois ambas tinham como “inimigo” comum o catolicismo. Sobre isto notamos já na primeira Associação de Igrejas em 1953, que os batistas regulares convidaram um presbiteriano independente (coisa que hoje seria praticamente impossível), para ser um dos preletores do conclave<sup>157</sup>. Talvez poderíamos explicar tal fato em duas hipóteses: primeiramente, as denominações “tradicionais” ainda estavam com suas práticas muito parecidas, e isto possibilitava andarem juntas na evangelização do país. Ou ainda para o início do trabalho no Brasil era necessário o convívio “pacífico” entre estas denominações, para assim, conforme Mendonça, obterem maior sucesso na sua mensagem conversionista<sup>158</sup>.

O ecumenismo foi tema freqüente das associações da AIBREB, a partir da década de 60, o que pode ser explicado especialmente devido à proximidade histórica com o Concílio Vaticano II em 1962. Assim, os batistas discutiram, por exemplo, “até quando nós devemos cooperar com as outras denominações evangélicas, de acordo com a ética cristã”<sup>159</sup>; “nossa posição face aos avanços do Ecumenismo”<sup>160</sup>, “os métodos e

---

<sup>155</sup> MENDONÇA, A. G. . Introdução ao Protestantismo no Brasil. 2. ed. São Paulo: Loyola, 2004, p. 43.

<sup>156</sup> Ibidem, p. 43.

<sup>157</sup> ATA DA 5ª SESSÃO PARA ORGANIZAÇÃO DA ASSOCIAÇÃO GERAL DAS IGREJAS BATISTAS REGULARES DO BRASIL, realizada no salão de cultos da Primeira Igreja Batista de Juazeiro, Ceará, no dia 22 de maio de 1953.

<sup>158</sup> MENDONÇA, A. G. Op. Cit., 1997, p. 40.

<sup>159</sup> ATA DA SESSÃO DA DIRETORIA DA ASSOCIAÇÃO GERAL DAS IGREJAS BATISTAS REGULARES DO BRASIL, realizada no dia 23 de maio de 1957, nas dependências do Seminário do Cariri, Juazeiro do Norte, Ceará.

efeitos do ecumenismo na igreja local e como a igreja batista regular deve se preparar para o presente e para o futuro”<sup>161</sup>, entre outras, pois ainda o considerava “um perigo”<sup>162</sup>.

Ainda nos anos 1960 vemos o testemunho de uma instituição de ensino batista regular que de acordo com os anais da denominação estava “lutando ferozmente contra o ecumenismo”<sup>163</sup>. E ainda o pastor Ronaldo Meznar em sua apresentação ao plenário da AIBREB em fevereiro de 1969,

“Falou das objeções feitas a nossa posição separatista cujas objeções são: Nossa posição contra a natureza; que nossa posição provoca anarquia; que há algo arrogante em nós e que nossa posição é doutrinária demais. Mostrou que estas objeções não nos devem mudar, mas nos manter na verdade que temos encontrado. Disse mais que é tarde demais para apagar o fogo na super igreja e que nos cabe construir outra para nossa proteção”<sup>164</sup>.

O que parece indicar esta declaração é que até aquele momento realmente a igreja batista regular ainda tentava uma convivência “pacífica” com as outras denominações, porém, agora chega o momento, segundo eles de se posicionarem definitivamente contrários a qualquer ligação com as outras igrejas cristãs.

Podemos perceber também que os batistas regulares acabam associando o ecumenismo ao liberalismo ou modernismo<sup>165</sup>, possivelmente por conta das influências teológicas européias recebidas pelos jovens militantes do movimento ecumênico. Pelo caráter fundamentalista da denominação este posicionamento fica evidente nos anais da AIBREB, como por exemplo, a associação decide por unanimidade “ênfatisar a separação de grupos e indivíduos que não praticam a sã doutrina ou não pregam todo conselho de Deus, tais como movimentos interdenominacionais, ecumenistas e

<sup>160</sup> ATA DA 3ª SESSÃO DA 5ª ASSEMBLÉIA DA ASSOCIAÇÃO GERAL DAS IGREJAS BATISTAS REGULARES DO BRASIL, realizada no Templo da Igreja Batista Regular do Bom Retiro na capital de São Paulo, no dia 12 de fevereiro de 1964.

<sup>161</sup> ATA DA 3ª SESSÃO ORDINÁRIA DA XV ASSEMBLÉIA GERAL DAS IGREJAS BATISTAS REGULARES DO BRASIL, realizada no templo da Igreja Batista Regular de Boa Vista, Roraima, no dia 23 de julho de 1983.

<sup>162</sup> ATA DA 4ª SESSÃO DA 5ª ASSEMBLÉIA DA ASSOCIAÇÃO GERAL DAS IGREJAS BATISTAS REGULARES DO BRASIL, realizada no Templo da Igreja Batista Regular do Bom Retiro na capital de São Paulo, no dia 12 de fevereiro de 1964.

<sup>163</sup> ATA DA 2ª SESSÃO DA 7ª ASSEMBLÉIA GERAL DA ASSOCIAÇÃO GERAL DE IGREJAS BATISTAS REGULARES DO BRASIL, realizada no Templo da Igreja Batista de Juazeiro do Norte, Ceará, no dia 11 de julho de 1967

<sup>164</sup> ATA DA PRIMEIRA SESSÃO DA 8ª ASSEMBLÉIA GERAL DA ASSOCIAÇÃO GERAL DE IGREJAS BATISTAS REGULARES DO BRASIL, realizada no Templo da Igreja Batista de Tucuruvi, São Paulo, no dia 3 de fevereiro de 1969.

<sup>165</sup> Modernismo teológico e liberalismo teológico são expressões consideradas sinônimas para alguns autores. Explicarei mais sobre o modernismo em seguida.

carismáticos”<sup>166</sup>. Alertando também que o “intercâmbio com outras igrejas com doutrinas duvidosas é um perigo”<sup>167</sup>. E por fim chegando à conclusão de que como movimento religioso para manter assim sua identidade deveria enfrentar o inimigo ecumênico da seguinte forma:

“Considerando ser o movimento ecumênico declaradamente em oposição a Palavra de Deus. Resolvemos: 1) Reafirmar nossa completa separação prática e oficial deste movimento em obediência, à princípios afirmados em passagens tais como: 2 Coríntios 6.14-7.1; Romanos 16.17,18; 2 Tessalonicenses 3.14 e Tito 3.10; 2) Reafirmar também, nossa separação dos assim chamados ‘irmãos’, que recusam obedecer a Palavra de Deus, os quais estão se fazendo inimigos de Deus conforme, Tiago 4.4. Houve voto unânime.”<sup>168</sup>

### c. O Inimigo Pentecostal

No mesmo momento histórico em que a AIBREB começa suas atividades no Brasil, o pentecostalismo inicia, conforme já mencionamos anteriormente baseados em Paul Freston, a sua segunda onda de expansão no país. Citando a Chesnut, Karina Bellotti afirma que desde a década de 1950 os pentecostais promovem uma alteração no campo religioso brasileiro<sup>169</sup>. Os pentecostais promovem um ambiente de competição religiosa por fiéis e por visibilidade social.

O pentecostalismo é um dos maiores fenômenos religiosos do século XX. O seu crescimento é explicado de várias formas pelos pesquisadores da religião brasileira. Para Mariz e Machado<sup>170</sup>, seu crescimento se deu por oferecer superação da pobreza, o que de certa forma se assemelha a Chesnut que afirma ser a popularidade do pentecostalismo resultado da oferta de soluções para a pobreza, as doenças e os problemas familiares<sup>171</sup>. Gedeon Alencar em “Protestantismo Tupiniquim” apresenta outras perspectivas no estudo do crescimento do pentecostalismo no Brasil, tais como: “alienação social (Rolim, 1985; Brandão, 1980), formação de cidadania (Novaes, 1985),

<sup>166</sup> ATA DA 7ª SESSÃO DA XIII ASSEMBLÉIA GERAL DAS IGREJAS BATISTAS REGULARES DO BRASIL, realizada no templo da Igreja Batista Regular de Cachoeirinha, em Manaus, Amazonas no dia 18 de julho de 1979.

<sup>167</sup> ATA DA PRIMEIRA SESSÃO DA XX ASSEMBLÉIA DA ASSOCIAÇÃO DAS IGREJAS BATISTAS REGULARES DO BRASIL, realizada no templo da Igreja Batista Regular de Cachoeirinha, em Manaus, Amazonas, no dia 12 de julho de 1979.

<sup>168</sup> ATA DA 3ª SESSÃO ORDINÁRIA DA XV ASSEMBLÉIA GERAL DAS IGREJAS BATISTAS REGULARES DO BRASIL, realizada no templo da Igreja Batista Regular de Boa Vista, Roraima, no dia 23 de julho de 1983.

<sup>169</sup> CHESNUT, R. Andrew. Apud BELLOTTI, Karina Kosicki. Op. Cit., p. 92.

<sup>170</sup> MARIZ, Cecília Loreto e MACHADO, M.D.C. Religião e pobreza: uma comparação entre as CEB's e Igrejas Pentecostais. Rio de Janeiro, Comunicações do ISER, nº 30,1988, p. 8.

<sup>171</sup> BELLOTTI, Karina Kosicki. Op. Cit., p. 93.

atuação política (Freston, 1993), adesismo político (Pierucci, 1996), relativização ética (Mariano, 1999), e até o modelo administrativo de marketing (Campos, 1999)”<sup>172</sup>, bem como a utilização da mídia para atrair mais fiéis<sup>173</sup>. “Para se entender bem os pentecostalismos presentes na sociedade brasileira, é preciso que seus analistas passem dos paradigmas da simplicidade para o domínio dos paradigmas da complexidade”<sup>174</sup>.

Há, entretanto, diferentes respostas e análises para o fenômeno pentecostal, nosso objetivo neste momento não é procurar entender a pluricausalidade do crescimento do pentecostalismo, e nem tratá-lo apenas de um marco teórico. Nossa intenção é analisar nos anais da AIBREB como este influenciou as tentativas de manutenção de identidade dos Batistas Regulares no Brasil.

O lançamento da Cruzada Nacional de Evangelização em 1953 se deu em um período de intensa urbanização e industrialização (fig. 6). Com suas guitarras, baterias e tendas para a pregação de curas, o pentecostalismo se volta, conforme Karina Bellotti, “para as massas e assumiu a preocupação em fazer a diferença na vida das pessoas e do país por meio de uma estratégia empresarial”<sup>175</sup>. Estas novidades escandalizavam os protestantes mais tradicionais que preferiam métodos mais conservadores, mas ajudavam a atrair mais pessoas e criavam um



Figura 6 – (da esquerda para direita) Missionários Tom Wilson, Harold Rainer e Charles Hocking (1960). Na imagem vemos os missionários batistas regulares utilizando algo semelhante às capelas ambulantes das Cruzadas de Evangelização. Empregavam este método para anunciar os horários de cultos, bem como leituras de trecho da Bíblia. Fonte: Arquivo pessoal de Erica McLain.

novo ambiente para o culto, semelhante a um show. É exatamente neste momento em que os Batistas Regulares iniciam sua tentativa de organização eclesiástica no país, baseada numa identidade fechada para estas práticas religiosas, por as considerarem “perigosas”<sup>176</sup>, e “divergências denominacionais e/ou heréticas”<sup>177</sup>.

<sup>172</sup> ALENCAR, Gedeon. Protestantismo Tupiniquim: hipóteses da (não) contribuição evangélica à cultura brasileira. São Paulo: Arte Editorial, 2005, p. 49.

<sup>173</sup> BELLOTTI, Karina Kosicki. Delas é o reino dos céus: mídia evangélica infantil na cultura pós-moderna do Brasil (anos 1950 a 2000). São Paulo: Annablume: Fapesp, 2010.

<sup>174</sup> CAMPOS, Leonildo. Abordagens usuais no estudo do pentecostalismo, Revista de Cultura Teológica, FTNS, SP, ano III, nº 13, out/dez – 1995, p. 29.

<sup>175</sup> BELLOTTI, Karina Kosicki. Op. Cit., p. 93.

<sup>176</sup> ATA DA 5ª SESSÃO DA 2ª ASSEMBLÉIA DA ASSOCIAÇÃO GERAL DAS IGREJAS BATISTAS REGULARES DO BRASIL, realizada no Templo da Igreja Batista Regular de Juazeiro do Norte, no dia 23 de maio de 1957.

<sup>177</sup> SWEDBERG, Mark (relator). Distintivos Batistas Regulares. São Paulo: Editora Batista Regular, 2003, p. 17.

Já na primeira Assembléia Nacional das Igrejas Batistas Regulares no Brasil em 1953, os líderes do movimento mostravam preocupação com o crescimento pentecostal, por isso as igrejas batistas regulares deveriam “ter cautela com os pentecostais e evitar cooperação com os mesmos”<sup>178</sup>.

Entretanto, as primeiras “rachaduras” na estrutura batista regular se deu apenas a partir dos anos 1960, e em especial a partir dos anos 1970, quando de acordo com Karina Bellotti saber oferecer e como oferecer foi um dos fatores decisivos na mudança da dinâmica de competição religiosa<sup>179</sup> no país. Utilizamos aqui o termo rachaduras oriundo da declaração do plenário da AIBREB em 1993, quando se manifestou favorável a investigação acurada do envolvimento carismático de igrejas de Roraima e Belém. Tal envolvimento, ainda de acordo com o plenário estaria causando “rachaduras na estrutura Batista Regular”<sup>180</sup>. Estas “rachaduras” se deram pelo envolvimento de um pastor que de acordo com a ata da AIBREB de julho de 1971<sup>181</sup>, com o movimento de Renovação Espiritual. Este movimento de Renovação Espiritual no Brasil surgiu, quando dissidentes do modelo tradicional fizeram uma verdadeira revolução com o objetivo de adotar uma renovação na entidade Batista. Esta renovação deu origem entre os batistas à Convenção Batista Nacional que se afastou da Convenção Batista Brasileira, entre outras coisas, por acreditar na doutrina do batismo no Espírito Santo, no exercício dos dons espirituais manifestados especialmente pelo falar em línguas<sup>182</sup>. O plenário da AIBREB decidiu pelo desligamento do pastor acima citado, bem como de sua igreja do rol das igrejas batistas regulares.

Os Batistas Regulares crêem que o Espírito Santo concede dons aos crentes para a edificação da igreja, porém os dons revelacionais, comumente chamados de carismáticos, foram limitados ao tempo apostólico. Entre estes estão o dom de falar em outras línguas, o dom da profecia, o dom de operar milagres e o dom de curas. Estes dons para os batistas regulares serviram tanto para revelar a vontade de Deus para a

<sup>178</sup> ATA DA 5ª SESSÃO DA 2ª ASSEMBLÉIA DA ASSOCIAÇÃO GERAL DAS IGREJAS BATISTAS REGULARES DO BRASIL, realizada no Templo da Igreja Batista Regular de Juazeiro do Norte, às 14:00 horas do dia 23 de maio de 1957.

<sup>179</sup> BELLOTTI, Karina Kosicki. Op. Cit., p. 97.

<sup>180</sup> ATA DA 5ª SESSÃO DA 2ª ASSEMBLÉIA DA ASSOCIAÇÃO GERAL DAS IGREJAS BATISTAS REGULARES DO BRASIL, realizada no Templo da Igreja Batista de Cachoeirinha, Manaus, Amazonas, no dia 17 de julho de 1993.

<sup>181</sup> ATA DA 5ª SESSÃO DA 2ª ASSEMBLÉIA DA ASSOCIAÇÃO GERAL DAS IGREJAS BATISTAS REGULARES DO BRASIL, realizada no Templo da Igreja Batista de Cachoeirinha, Manaus, Amazonas, no dia 15 de julho de 1971.

<sup>182</sup> Regimento Interno da Convenção Batista Nacional – disponível em: <http://www.cbn.org.br>. Acesso no dia 10 de novembro de 2010.

igreja enquanto o Novo Testamento estava sendo escrito, quanto para autenticar os verdadeiros mensageiros de Deus. Quando o cânon do Novo Testamento foi completado, o propósito destes dons caducou e eles cessaram de acordo com a declaração de Pastor Tomé Wilson na assembléia da AIBREB de julho de 1983<sup>183</sup>. Tal crença foi confirmada quando a AIBREB aprovou os seus Distintivos Batistas Regulares em 2003, entre eles está o 5º distintivo sobre os dons carismáticos, onde a crença na cessação dos dons se deu com a conclusão do cânon do Novo Testamento<sup>184</sup>.

As Atas da AIBREB mostram também uma boa quantidade de igrejas batistas regulares que foram para o pentecostalismo, ou adotaram práticas pentecostais sem, entretanto tirar os nomes de batistas de suas placas e documentos. E por assumirem tais práticas foram excluídas do rol da associação de igrejas batistas regulares do Brasil. Entre estas mencionamos uma igreja do Rio Grande do Norte<sup>185</sup> (excluída em 1973), uma igreja em Belo Horizonte (excluída em 1992)<sup>186</sup>, 2 igrejas em São Paulo (excluídas em 1992)<sup>187</sup>, uma igreja em Belém (excluída em 1993)<sup>188</sup>, outra igreja em Natal (excluída em 1995)<sup>189</sup>. Importante mencionar que o envolvimento destas igrejas com doutrinas carismáticas, especialmente a igreja de Belém, levou a AIBREB a recomendar que as igrejas filiadas reformulassem seus estatutos e incluíssem um artigo onde em caso de “desvio doutrinário a propriedade da igreja permaneceria em mãos da parte que permanecesse fiel à declaração doutrinária dos batistas regulares”<sup>190</sup>, recomendação esta que até hoje é seguida pelo movimento.

---

<sup>183</sup> ATA DA 1ª SESSÃO DA 15ª ASSEMBLÉIA DA ASSOCIAÇÃO GERAL DAS IGREJAS BATISTAS REGULARES DO BRASIL, realizada no Templo da Igreja Batista Regular de Boa Vista, Roraima, no dia 21 de julho de 1983.

<sup>184</sup> SWEDBERG, Mark (relator). Op. Cit., p. 16.

<sup>185</sup> ATA DA 4ª SESSÃO DA 10ª ASSEMBLÉIA DA ASSOCIAÇÃO GERAL DAS IGREJAS BATISTAS REGULARES DO BRASIL, realizada no Acampamento do Bonfim, São José de Mipibu, Rio Grande do Norte, no dia 19 de julho de 1973.

<sup>186</sup> ATA DA 4ª SESSÃO DA 19ª ASSEMBLÉIA DA ASSOCIAÇÃO GERAL DAS IGREJAS BATISTAS REGULARES DO BRASIL, realizada no auditório do Sítio Alberta Steward, Fortaleza, Ceará, no dia 15 de janeiro de 1992.

<sup>187</sup> ATA DA 5ª SESSÃO DA 19ª ASSEMBLÉIA DA ASSOCIAÇÃO GERAL DAS IGREJAS BATISTAS REGULARES DO BRASIL, realizada no auditório do Sítio Alberta Steward, Fortaleza, Ceará, no dia 16 de janeiro de 1992.

<sup>188</sup> ATA DA 7ª SESSÃO DA 20ª ASSEMBLÉIA DA ASSOCIAÇÃO GERAL DAS IGREJAS BATISTAS REGULARES DO BRASIL, realizada na Igreja Batista de Cachoeirinha, Manaus, Amazonas, no dia 18 de julho de 1993.

<sup>189</sup> ATA DA 5ª SESSÃO DA 21ª ASSEMBLÉIA DA ASSOCIAÇÃO GERAL DAS IGREJAS BATISTAS REGULARES DO BRASIL, realizada na Igreja Batista Esperança, São Paulo, São Paulo, no dia 27 de janeiro de 1995.

<sup>190</sup> ATA DA 4ª SESSÃO DA XX ASSEMBLÉIA DA ASSOCIAÇÃO GERAL DAS IGREJAS BATISTAS REGULARES DO BRASIL, realizada na Igreja Batista Regular de Cachoeirinha, Manaus, Amazonas, no dia 15 de julho de 1993.

Observamos também a entrada do carismatismo em 5 igrejas entre os ticunas no ano de 1983. O pastor batista regular Roberto e índio ticuna (em ticuna seu nome é mêtucu), falando sobre o pentecostalismo disse:

Nos anos 1960 e 1980 um missionário americano batista regular fundou mais de 70 pequenas igrejas entre os índios ticunas. Infelizmente, por causa de influências de missões pentecostais próximas as aldeias, várias destas igrejas se tornaram pentecostais já na década de 1980. Hoje, aproximadamente 50 igrejas entre os ticunas não são mais batistas regulares, e adotaram nomes e práticas pentecostais em suas fileiras. Acredito que o que mais chamou a atenção dos ticunas para o pentecostalismo foram as realizações consideradas por eles mágicas, como as curas e manifestações de espíritos. (Informação obtida em entrevista realizada no dia 10/08/2010).

O que chama a atenção especialmente no final das palavras do índio ticuna é que as práticas que segundo ele chamaram a atenção dos ticunas para o pentecostalismo foram as ações consideradas mágicas, como as curas e manifestações de espíritos, o que de acordo com Karina Bellotti, marcaram a diferenciação entre os pentecostais e protestantes especialmente a partir dos anos 1970<sup>191</sup>.

E foi em 1983 que a AIBREB decidiu definitivamente “criar marcos de separação” contra a inundação carismática no Brasil. A assembléia decidiu unanimemente:

“Recomendar às igrejas batistas regulares, maior cuidado no uso da música e literatura de origem carismática. Em segundo lugar, recomendar total separação eclesial de grupos pentecostais, tais como das igrejas Assembléias de Deus, Brasil para Cristo, Igreja do Evangelho Quadrangular, Congregação Cristã do Brasil e das seitas como o adventismo do 7º dia. Em terceiro lugar, recomendar que esta separação eclesial inclua a não participação com eles em cultos, e não participação dos mesmos na comunhão (leia-se Ceia do Senhor), para evitar prejuízo e confusão dos membros das nossas igrejas”<sup>192</sup>

Os Batistas Regulares também se preocuparam com a utilização de músicas, literaturas de origem carismática e a teologia da prosperidade, das quais foram recomendadas a total separação na assembléia de 1983 e 1999 respectivamente. Entretanto, observamos atualmente em algumas igrejas batistas regulares, a entrada cada vez maior de músicas, ritmos, instrumentos elétricos, promoção de eventos, enfim, tudo

<sup>191</sup> BELLOTTI, Karina Kosicki. Op. Cit., p. 97.

<sup>192</sup> ATA DA 4ª SESSÃO DA 15ª ASSEMBLÉIA DA ASSOCIAÇÃO GERAL DAS IGREJAS BATISTAS REGULARES DO BRASIL, realizada no Templo da Igreja Batista Regular de Boa Vista, Roraima, no dia 24 de julho de 1983 (grifo meu).

isso “para manter os fiéis em suas igrejas”<sup>193</sup>. É preciso ressaltar que tais práticas não possuem a aprovação total do movimento batista regular, tanto que, em 2009 na última AIBREB um dos pastores mais influentes do movimento condenou em plenário às igrejas batistas que tem se inclinado para a utilização destes meios como forma de crescimento da igreja. Condenação esta que acabou tornando-se uma recomendação da AIBREB para que as igrejas fiquem atentas ao “pragmatismo pentecostal na forma das músicas e ritmos mundanos”<sup>194</sup>.

#### **D. O Inimigo Moderno**

Para os Batistas Regulares, idéias modernistas primariamente constituíam-se, conforme se vê na resolução da 2ª Assembléia das Igrejas norte americanas em 1933, em todo ensino e prática religiosa que “minimiza a absoluta autoridade das Sagradas Escrituras e a obra redentora de Jesus Cristo”<sup>195</sup>. Quero retomar brevemente ao que o historiador batista regular Jaime Lima disse sobre a sua denominação. Ele afirma que o movimento Batista Regular, como denominação religiosa, teve seu início junto a um grupo de “igrejas Batistas que se separaram da Convenção Batista do Norte dos Estados Unidos, em 1932”<sup>196</sup>. Ainda, segundo o mesmo autor esta separação aconteceu devido ao não conformismo dos “Batistas Regulares” com a infiltração de idéias “modernistas nas igrejas filiadas à Convenção Batista no Norte dos Estados Unidos”<sup>197</sup>, os aproximando assim das idéias fundamentalistas em alta naquele momento.

Fundamentalismo é um nome que serve para identificar o Cristianismo Americano Conservador após 1920. Esse nome possivelmente foi cunhado em 1920 por Curtis Lee Laws no jornal *The Baptist Watchman Examiner*. “Num encontro da Northern Baptist Convention em 1920, Curtis Lee definiu fundamentalista como alguém que está disposto a recuperar territórios perdidos para o Anticristo e a lutar pelos fundamentos da fé”<sup>198</sup>. O termo fundamentalista recebeu essa nomenclatura devido a uma série de 12 livretos com 90 ensaios publicados para mostrar as principais idéias

<sup>193</sup> BELLOTTI, Karina Kosicki. Op. Cit., p. 102.

<sup>194</sup> ATA DA 3ª SESSÃO DA 28ª ASSEMBLÉIA DA ASSOCIAÇÃO GERAL DAS IGREJAS BATISTAS REGULARES DO BRASIL, realizada em Natal, Rio Grande do Norte, no dia 19 de maio de 2009.

<sup>195</sup> Resoluções da 2ª Assembléia Geral das Igrejas Batistas Regulares dos Estados Unidos em julho de 1933 (disponível em: [www.garbc.org](http://www.garbc.org) acesso: 30 de Agosto de 2010)

<sup>196</sup> LIMA, Jaime A. *Que Povo é Esse? História dos Batistas Regulares no Brasil*. São Paulo, EBR, 1997, p. 27.

<sup>197</sup> *Ibidem*, p. 26.

<sup>198</sup> LEE, Curtis. Apud ARMSTRONG, Karen. *Em Nome de Deus*. São Paulo: Companhia das Letras, 2001, p. 202.

defendidas pelos conservadores da doutrina cristã. Estes foram publicados entre 1910-1915 com o título de *The Fundamentals*. Essa obra foi financiada pelos empresários do petróleo, os irmãos Lyman e Milton Stewart que investiram 200 mil dólares para publicação, promoção e distribuição dos mais de trezentos mil volumes gratuitamente aos pastores, professores de seminário, missionários e cristãos ao redor do mundo. Os Fundamentos eram uma coleção escrita com o propósito principal de defender a doutrina cristã através dos assuntos tratados em seus artigos que incluíam: 1) infalibilidade das Escrituras; 2) nascimento virginal de Cristo; 3) o perdão dos pecados pela morte redentora de Cristo; 4) A real ressurreição de Cristo; e 5) a realidade objetiva dos milagres de Cristo, depois substituído pelo dogma da volta iminente de Cristo (pontos estes assumidos desde as primeiras reuniões da AIBREB em 1957 e reafirmados em 1983 pelos batistas regulares<sup>199</sup>). Esses artigos revelam um propósito inicial de defender e exaltar a visão tradicional da Bíblia, já que em sua maioria eram dedicados a mostrar a infalibilidade e a inspiração das Escrituras<sup>200</sup>. O surgimento desse movimento parece ter sido uma reação ao chamado Liberalismo Teológico, nascido na Alemanha no século XVIII, que defendia em seus principais pressupostos tais como a aceitação das teorias das ciências da natureza a respeito da idade e forma de surgimento do universo e da vida; aceitação do naturalismo como explicação filosófica do mundo e do emprego de métodos e técnicas originários das ciências históricas, sociais e naturais no estudo da Bíblia e de seus manuscritos<sup>201</sup>.

Em linhas gerais, podemos dizer que o Liberalismo Teológico representava para os grupos teológicos conservadores um perigo para os princípios fundamentais do Cristianismo. As correntes teológicas e filosóficas que abriram caminho para o surgimento do liberalismo foram idealizadas sob as premissas de alguns pensadores, como Immanuel Kant, Schleiermacher e Hegel. Devido às ideias de outros pensadores que seguiram os modelos apresentados pelos filósofos alemães, os chamados “guardiões da fé cristã” reagiram ao liberalismo. Sobre isto Armstrong comenta:

“A maioria dos fundamentalistas era batista ou presbiteriano, e em seu meio travaram-se os combates mais acirrados. Em seu célebre livro *Christianity and Liberalism* (1923), o teólogo presbiteriano J. Gresham Machen (1881-1937), o mais intelectual dos fundamentalistas, classifica os liberais como pagãos

<sup>199</sup> ATA DA 4ª SESSÃO DA 15ª ASSEMBLÉIA DA ASSOCIAÇÃO GERAL DAS IGREJAS BATISTAS REGULARES DO BRASIL, realizada no Templo da Igreja Batista Regular de Boa Vista, Roraima, no dia 24 de julho de 1983.

<sup>200</sup> SILVA, Francisco Jean Carlos da. Op. Cit., p. 44.

<sup>201</sup> Ibidem, p. 44.

que, ao negar a verdade literal de doutrinas essenciais como o nascimento virginal, negavam o próprio cristianismo”<sup>202</sup>

Com o desenvolvimento do fundamentalismo, a maioria das denominações protestantes nos Estados Unidos conseguia perceber a distinção entre liberalismo e fundamentalismo. Até parecia que o fundamentalismo havia triunfado, porém, em 1925, o caso Scopes desacreditou o movimento de tal forma que ficou evidente a derrota dos fundamentalistas na batalha contra o ensino do evolucionismo nas escolas norte-americanas. O professor John Scopes em julho de 1925 foi levado a julgamento no Tennessee por ensinar na pequena cidade de Dayton a teoria da evolução. Esse caso provocou na época a consolidação de uma forma disjuntiva de pensar a relação entre ciência e religião<sup>203</sup>.

Infelizmente esse julgamento do professor Scopes extrapolou os canais da tolerância e da convivência e assumiu uma dimensão de um embate entre Deus e a ciência. No final das arguições, Scopes foi condenado, mas a American Civil Liberties Union pagou a fiança e a “guerra” entre ciência e religião continuou.

Entre os anos de 1920 a 1925, o fundamentalismo batalhou em outra frente nas grandes denominações protestantes (Metodistas, Batistas e Presbiterianos). Era uma luta contra os que toleravam e os que negavam os fundamentos da fé tradicional. O sermão “Irão os Fundamentalistas Vencer?” do pregador batista não fundamentalista, Harry Emerson Fordick, mostrava a divisão existente entre as denominações protestantes. Para Marsden:

“O sermão de Fordick captou exatamente os sentimentos liberais do momento e recebeu uma larga divulgação. Diferente de autores e outros ataques liberais que tentavam diminuir o fundamentalismo associando-o com outras formas de extremismos, Fordick mostrou-se bem informado sobre a natureza do movimento. Fundamentalistas, ele disse, eram especialmente conservadores intolerantes [...] Repetidamente ele enfatizou que o alvo dos fundamentalistas era forçar aqueles com outras ideias para fora das igrejas. O tema central de sua mensagem era a urgente necessidade de tolerância para ambos os lados”<sup>204</sup>

A derrocada causada pelo caso Scopes bem como as constantes divisões nas denominações fundamentalistas provocaram, de acordo com Francisco Jean Carlos da

<sup>202</sup> ARMSTRONG, Karen. Op. Cit., p. 202 e 203.

<sup>203</sup> SILVA, Francisco Jean Carlos da. Op. Cit., p. 46.

<sup>204</sup> MARSDEN, George M. *Fundamentalism and American Culture*. New York: Oxford University Press, 1980, p. 171.

Silva, o surgimento de várias organizações, como: Igrejas Fundamentalistas Independentes da América (1930); Associação Geral de Igrejas Batistas Regulares (1932); Igreja Presbiteriana da América (1936); entre outras; todas dizendo ser representantes do fundamentalismo<sup>205</sup>. Por outro lado, surgiu também o movimento chamado de evangelicalismo ou neo-evangelicalismo.

O neo-evangelicalismo foi um termo criado pelo primeiro presidente do Seminário Teológico Fuller, Harold J. Ockenga, em 1947. Esse movimento surgiu devido à crise instalada entre os cristãos ortodoxos que pareciam incapazes de enfrentar a alta crítica alemã, o evolucionismo darwinista, a psicologia freudiana, o socialismo marxista, o niilismo de Nietzsche e o naturalismo da nova ciência. Para Silva a diferença entre os neo-evangélicos e os fundamentalistas deve-se ao fato de que os primeiros são “mais abertos ao diálogo teológico com os liberais, a outras correntes e não são definidos com respeito a algumas doutrinas, tais como pré-milenismo e interpretação literal das Escrituras”<sup>206</sup>; já os fundamentalistas tem uma definição mais acurada para estas questões. Para Ashbrook “a separação é a doutrina que se situa na intersecção entre o fundamentalismo e o neo-evangelicalismo”<sup>207</sup>.

Para Karina Bellotti o que distingue as crenças fundamentalistas de outras correntes cristãs é a interpretação literal e o sentido concreto das narrativas bíblicas. A historiadora relata que “os fundamentalistas visam restaurar a verdade cristã como um dado objetivo, que pode ser demonstrado empiricamente e aplicada ao cotidiano dos fiéis”<sup>208</sup>. É desta forma que procuram traçar estratégias para preservar sua pureza identitária utilizando, de acordo com Karen Armstrong, armas modernas para combater a modernidade e o modernismo teológico. A proposta era restaurar a tradição cristã através de vários meios, entre eles a transformação da sociedade com a salvação de almas. Talvez seja neste desejo que muitos missionários batistas regulares desembarcam no Brasil a partir de 1935 com o intuito de ir até “os confins da terra do Brasil” para evangelizar os “perdidos”.

A visão dos que se intitulam herdeiros do Fundamentalismo Cristão, no caso, os Batistas Regulares no Brasil, assevera que este movimento surgiu na história em defesa de algumas asserções históricas do Cristianismo, como a evidente declaração de um dos primeiros missionários norte-americanos no Brasil, Thomas F. Wilson, à assembléia da

---

<sup>205</sup> SILVA, Francisco Jean Carlos da. Op. Cit., p. 50.

<sup>206</sup> Ibidem, p. 51.

<sup>207</sup> ASBROOK, J. E. Axiomas da Separação. São Paulo: Imprensa Batista Regular, 1992, p. 5.

<sup>208</sup> BELLOTTI, Karina Kosicki. Op. Cit., p. 42.

Associação das Igrejas Batistas Regulares do Brasil em 1964: o propósito ao iniciar o movimento batista regular, era estabelecer uma denominação eclesial que se mantivesse o mais próximo possível das práticas Batistas históricas. Ele disse: “O termo ‘REGULAR’ tornou-se cedo um meio de distinguir os Batistas fiéis à ‘regra’, isto é, à forma original de fé confessada pelos Batistas antigos”<sup>209</sup>. Como também da pureza comportamental da igreja. Neste caso, para os Batistas Regulares, o fundamentalismo mostra-se um movimento útil a Deus e à sociedade, posto que defende a pureza da proclamação e a prática do plano de Deus para salvação da humanidade.

Sobre seu valor para a sociedade, o sociólogo Bauman afirma: “O fundamentalismo tem uma singular capacidade de revelar os males da sociedade”<sup>210</sup>. Também esse movimento se apresenta como uma autoridade que promete emancipar os convertidos das agonias garantindo-lhes certezas presentes e futuras. Assim, as pessoas do grupo tomam decisões sabendo para onde olhar sem correr riscos. Mais uma vez Bauman nos ajuda ao dizer:

“O fundamentalismo é um remédio radical contra esse veneno da sociedade de consumo conduzida pelo mercado e pós-moderna – a liberdade contaminada pelo risco (um remédio que cura a infecção amputando o órgão infeccionado – abolindo a liberdade como tal, na medida em que não há nenhuma liberdade livre de riscos). O fundamentalismo promete desenvolver todos os infinitos poderes do grupo que quando disposto – compensaria a incurável insuficiência de seus membros individuais, e justificaria, dessa maneira, a indiscutível subordinação das escolhas individuais a normas proclamadas em nome do grupo”<sup>211</sup>.

Segundo a visão dos Batistas Regulares, o movimento Fundamentalista cristão conclama toda a igreja cristã a pensar a missão da Igreja, salvação dos homens, à luz de sua própria história<sup>212</sup>, palco onde ocorrem desvirtuamentos, decomposições e revisionistas chamados irresponsáveis e maléficos. Para os fundamentalistas militantes, pesa a responsabilidade de guardar a doutrina e a prática prescrita na Bíblia, mesmo

<sup>209</sup> ATA DA 2ª SESSÃO DA 5ª ASSEMBLÉIA DA ASSOCIAÇÃO GERAL DAS IGREJAS BATISTAS REGULARES DO BRASIL, realizada no Templo da Igreja Batista Regular do Bom Retiro na capital de São Paulo, às 14 horas do dia 11 de fevereiro de 1964.

<sup>210</sup> BAUMAN, Zygmunt. O Mal-Estar da Pós-Modernidade. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1998, p. 230.

<sup>211</sup> Ibidem, p. 228.

<sup>212</sup> ATA DA 6ª ASSEMBLÉIA ORDINÁRIA DA 14ª ASSOCIAÇÃO GERAL DAS IGREJAS BATISTAS REGULARES DO BRASIL, realizada em Juazeiro do Norte, Ceará, no dia 15 do mês de Julho de 1981.

“diante das ameaças atuais aos fundamentos da fé”<sup>213</sup>, tanto no contexto do crescimento pentecostal no Brasil – década de 1980, ou mesmo em época de luta contra o modernismo nas fileiras do movimento batista regular<sup>214</sup>.

Além disso, para os Batistas Regulares parece que o Espírito Pós-Moderno e o Fundamentalismo se enfrentam nesta arena: a história conflituosa dos homens. Para Francisco Jean Carlos da Silva, enquanto o “fundamentalismo dito bíblico reafirma que o problema do homem, o pecado, e a solução de Deus, o evangelho, não mudam; o Espírito Pós-moderno de certa forma se apresenta proclamando que o homem tem de libertar-se da ordem para viver na anarquia, posto que uma nova época exige novos valores”<sup>215</sup>. Também pode indicar para os fundamentalistas a distinção do que é de Deus e o que é do mundo que jaz no maligno, segundo a compreensão literal do texto citado pelo apóstolo João na sua primeira epístola: “Sabemos que somos de Deus e que o mundo inteiro jaz no Maligno” (1 João 5.19). Essa visão dos regulares ocorre devido ao entendimento desse grupo de que o novo momento chamado Pós-Moderno é geralmente caracterizado como uma estratégia demoníaca para desacreditar suas crenças<sup>216</sup>.

Portanto, diante do quadro apresentado, compreendemos que as leituras da realidade religiosa sobre os grupos chamados fundamentalistas como os Batistas Regulares, que pousam suas doutrinas sob as premissas do movimento fundamentalista fundante se derivam do senso comum que pode ser uma leitura equivocada, ou no mínimo, nebulosa da realidade.

---

<sup>213</sup> ATA DA 2ª SESSÃO DA 13ª ASSEMBLÉIA DA ASSOCIAÇÃO GERAL DAS IGREJAS BATISTAS REGULARES DO BRASIL, realizada no Templo da Igreja Batista de Cachoeirinha, Manaus, Amazonas, no dia 16 de julho de 1979.

<sup>214</sup> ATA DA 4ª SESSÃO DA 22ª ASSEMBLÉIA DA ASSOCIAÇÃO GERAL DAS IGREJAS BATISTAS REGULARES DO BRASIL, realizada no ginásio de esportes da UFRN, Natal, Rio Grande do Norte, no dia 31 de janeiro de 1997.

<sup>215</sup> SILVA, Francisco Jean Carlos da. Op. Cit., p. 59.

<sup>216</sup> ATA DA 2ª SESSÃO DA 22ª ASSEMBLÉIA DA ASSOCIAÇÃO GERAL DAS IGREJAS BATISTAS REGULARES DO BRASIL, realizada no ginásio de esportes da UFRN, Natal, Rio Grande do Norte, no dia 29 de janeiro de 1997.

## Considerações Finais

A Igreja Batista Regular iniciou suas atividades no Brasil em 1936 com missionários norte-americanos que chegaram em dois pontos diferentes do território brasileiro quase ao mesmo tempo (Edward Guy McLain – Juazeiro do Norte, e Arlie Ross – Amazonas). Desde o princípio percebe-se através das fontes de pesquisa uma preocupação do grupo em manter esta identidade religiosa. E, no processo de afirmação de sua identidade, os batistas regulares no Brasil, embora mantendo e preservando a soberania das igrejas locais, acharam importante a criação de uma entidade que talvez pudesse unificar alguns procedimentos e elaborar discursos que pudessem representar o pensamento de toda a coletividade religiosa batista regular.

As decisões, os discursos e os procedimentos do grupo ficaram registrados nestas atas das Assembléias Nacionais, e hoje, graças ao esforço do missionário Mark Swedberg podem estar acessíveis em várias instituições de ensino batista regular no país. Então, parte do pensamento deste grupo religioso circula ainda hoje pelas escolas formadoras dos líderes regulares espalhados pelo Brasil. Estas instituições religiosas buscam em primeiro lugar, formar o pensamento batista regular e treinar lideranças para a continuidade da obra de evangelização do grande território brasileiro.

Todavia, se a questão da afirmação da identidade foi um dos pontos centrais dos esforços dos batistas regulares, não há como negligenciar o papel desempenhado pela Associação Geral das Igrejas Batistas Regulares do Brasil. Desde a sua fundação em 1953, a AIBREB tem uma estrutura voltada, prioritariamente para fortalecer e servir a igreja local; promover a cooperação, evangelismo, a fé cristã, a doutrina, separação do mundanismo, das heresias e erros teológicos para manter assim a denominação o mais próximo possível das Sagradas Escrituras<sup>217</sup>.

Ao proceder a leitura das fontes de pesquisa percebemos que os regulares pretendem formar uma comunidade de fiéis onde a segurança e o conforto estão presentes. Agora, novamente lembramos o que Bauman afirma: que praticamente todas as comunidades defendem a idéia de que fora de sua convivência não há segurança<sup>218</sup>. Precisamos entender também que para se preservar esta identidade, toda vida em comunidade exige lealdade incondicional aos seus postulados sob pena de quem não se enquadrar nos acordos do grupo ser considerado um traidor, com possibilidades de ser

---

<sup>217</sup> Estatuto da AIBREB, capítulo 1 Da Denominação, Sua Sede, Natureza e seus Fins. Artigo 2º. Aprovado em 1955 em assembléia ordinária da Associação de Igrejas Batistas Regulares do Brasil.

<sup>218</sup> BAUMAN, Zygmunt. Comunidade. Rio de Janeiro: Zahar, 2003, p. 8.

excluído do grupo por “ferir os Distintivos Batistas Regulares, seus estatutos e artigos de fé”<sup>219</sup>. Sendo assim, os axiomas defendidos pelos Batistas Regulares poderão ser compreendidos como um sistema de idéias fechadas, no sentido de que se protege contra qualquer pensamento diferente de seus postulados. Por outro lado, como afirma Silva, por ser uma religião, é um “sistema aberto porque se alimenta de confirmações e verificações do mundo exterior”<sup>220</sup>. E ao se confrontar com as especificidades do país bem como suas expressões religiosas, os regulares tiveram, e ainda têm que enfrentar embates para manter sua identidade religiosa com o catolicismo, ecumenismo, pentecostalismo e o modernismo.

Esse conjunto de documentos também nos fornece dados para outras pesquisas e estudos; análises que busquem compreender, não apenas as atividades de um grupo religioso inserido na sociedade brasileira, mas também o contexto que promoveu esta formação. Por isso, vale a pena dizer que este trabalho limitou-se a identificar e analisar o processo da formação de uma identidade batista regular no Brasil. No entanto, estudos mais profundos podem ser executados como, por exemplo, as divisões internas do grupo por questões teológicas como o calvinismo e o arminianismo, ou mesmo pela prática de culto ou uso de inovações nas atividades da igreja, o que produziu e ainda produz fervorosos debates nas reuniões da AIBREB. Também, podemos pesquisar como este grupo tem procurado se inserir ou não na cultura brasileira. Ou seja, será o Destino Manifesto foi utilizado como alvo pelos primeiros missionários norte-americanos no país?

Conclui-se que existem outros documentos deste grupo que não foram identificados e nem analisados no presente estudo. Sendo assim, esta pesquisa pode ser considerada apenas uma das portas que se abriu, permitindo ainda penetrar um pouco mais no universo “fechado” dos regulares.

Enfim, de acordo com Stuart Hall, a diversidade cultural pressupõe diferentes formas de ser e estar no mundo. Entretanto, ainda segundo Hall as diferenças culturais não são definidas de forma absoluta, mas construídas relacionalmente: “todos os termos de identidade dependem do estabelecimento de limites – definindo o que são em relação ao que não são (...) toda identidade é fundada numa exclusão e, nesse sentido, é um

---

<sup>219</sup> Estatuto da Associação de Igrejas Batistas Regulares do Brasil. Capítulo VI (Da Admissão e Demissão de Igrejas), Artigo 26.

<sup>220</sup> SILVA, Francisco Jean Carlos da. Op. Cit., p. 73.

‘efeito de poder’”<sup>221</sup>. Percebi através da pesquisa que não há identidades natas, ainda que alguns pensem que possam mantê-las intactas. As identidades podem ser modificadas, tanto que ainda hoje há muita polêmica entre os batistas regulares de como aplicar os Distintivos em suas igrejas. Alguns crêem que uma identidade tão fechada pode prejudicar a evangelização dos perdidos, pois esta está sendo feita de maneira “individual, separatista e prepotente”<sup>222</sup>. Agora, a ideia da identidade entendida como pertencimento pode indicar fronteiras fechadas em que muitas vezes a inclusão implica a exclusão o que seria uma opção compreensível, pois auxilia na preservação da denominação. Entretanto, acaba dificultando a relação dos batistas regulares com outros grupos religiosos, protestantes ou não, bem como com a sociedade em geral, em razão de seu separatismo.

---

<sup>221</sup> HALL, Stuart. *A Identidade Cultural na Pós-Modernidade*. 10ª ed. Rio de Janeiro: dp&a; 2005, p. 85.

<sup>222</sup> ATA DA 2ª SESSÃO DA ASSEMBLÉIA GERAL DA ASSOCIAÇÃO GERAL DAS IGREJAS BATISTAS REGULARES DO BRASIL, realizada em Recife, Pernambuco, no dia 11 de Julho de 1985.

## Referências Bibliográficas

- ALENCAR, Gedeon. Protestantismo Tupiniquim: hipóteses da (não) contribuição evangélica à cultura brasileira. São Paulo. Arte Editorial, 2005.
- ALVES, Rubem Azevedo. O enigma da religião. 2. ed. Petrópolis: Vozes, 1979.
- \_\_\_\_\_. Protestantismo e repressão. São Paulo: Ática, 1979.
- \_\_\_\_\_. Religião e repressão. São Paulo: Loyola, 2005.
- ARMSTRONG, Karen. Em nome de Deus: o fundamentalismo no judaísmo, no cristianismo e no islamismo. São Paulo: Companhia da Letras, 2001.
- ASBROOK, J. E. Axiomas da Separação. São Paulo: Imprensa Batista Regular, 1992.
- AZEVEDO, Israel Belo. A celebração do indivíduo: a formação do pensamento batista brasileiro. São Paulo: Vida Nova, 2004.
- BAUMAN, Zygmunt. O Mal Estar da Pós-Modernidade. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1998.
- \_\_\_\_\_. Comunidade. Rio de Janeiro: Zahar, 2003.
- BELLOTTI, Karina Kosicki. Delas é o reino dos céus: mídia evangélica infantil na cultura pós-moderna do Brasil (anos 1950 a 2000). São Paulo: Annablume: Fapesp, 2010.
- BÍBLIA SAGRADA. Língua Portuguesa. Nova Versão Internacional. São Paulo: Sociedade Bíblica Internacional, 2003.
- CAIRNS, Earle E. O Cristianismo Através dos Séculos. Uma História da Igreja Cristã. 2ª Ed. São Paulo: Vida Nova, 1995.
- CAMPOS, Leonildo Silveira. *“Teatro, templo e mercado: organização e marketing de um empreendimento neopentecostal”*. São Paulo: Vozes, 1997.
- CARROLL. J. M. O Rasto de Sangue. Rio de Janeiro: Casa Publicadora Batista, 1959.
- CASTELLS, Manuel. O poder da identidade. Tradução Klauss Brandini Gerhardt. 2.ed. São Paulo: Paz e Terra, 2000.
- CERTEAU, Michel. A escrita da História. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 1982.
- CHAMPLIN, R. N. Enciclopédia de Bíblia Teologia e Filosofia. Candeia: São Paulo, 1991.
- ELIAS, Norbert. O processo civilizador: formação do Estado e Civilização. vol. 02. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1993.
- FRESTON, Paul. Protestantes e política no Brasil: da Constituinte ao Impeachment. Campinas: Tese de doutorado em Sociologia, 1993.

- GALINDO, Florencio. O Fenômeno das Seitas Fundamentalistas. Petrópolis, Vozes, 1995.
- GIDDENS, Anthony. As Consequências da Modernidade. São Paulo. Ed: UEP, 1991.
- HALL, Stuart. A identidade cultural na pós-modernidade. 10ª ed. Rio de Janeiro: dp&a; 2005.
- HERMANN, Jacqueline. História das Religiões e Religiosidades. In: Domínios da História: ensaios de teoria e metodologia/Ciro Flamarion Cardoso, Ronaldo Vainfas (orgs.). – Rio de Janeiro: Campus, 1997.
- LATOURETTE, K. S. Uma História do Cristianismo. v. 2. São Paulo. Hagnos, 2006.
- LIMA, Jaime A. “*Que Povo é Esse?*” História dos Batistas Regulares no Brasil. São Paulo: EBR, 1997.
- MARIANO, R. Neopentecostais: Sociologia do novo pentecostalismo no Brasil. 2. ed. São Paulo: Edições Loyola, 2005.
- MARSDEN, George M. Fundamentalism and American Culture. New York: Oxford University Press, 1980.
- MASSENZIO, Marcello. A História das Religiões na cultura moderna. São Paulo, HEDRA, 2005.
- MATOS, Alderi Souza de. Os Pioneiros Presbiterianos do Brasil. São Paulo: Cultura Cristã, 2004
- MATHEWS, Gordon. Cultura Global e identidade individual: à procura de um lar no supermercado cultural. Bauru, SP: EDUSC, 2002.
- MENDONÇA, A. G. Introdução ao Protestantismo no Brasil. 2ª ed. São Paulo: Loyola, 2004.
- \_\_\_\_\_ Protestantes, Pentecostais e Ecumênicos - O Campo Religioso e seus Personagens. 1ª ed. São Bernardo do Campo: Editora UMESP, 1997. v. 1.
- \_\_\_\_\_ O Celeste Porvir - a Inserção do Protestantismo no Brasil. 3ª ed. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2008.
- \_\_\_\_\_ "Evangélicos e Pentecostais: Um Campo Religioso em Ebulição". In: Faustino Teixeira; Renata Menezes. (Org.). As Religiões no Brasil, Continuidades e Rupturas.. 1ª. ed. : Editora Vozes, 2006.
- MORIN, Edgar. O Método IV: as ideias. Portugal: Europa, América, 1991.
- NAVARRO, Juan Bosch. Para compreender o ecumenismo. São Paulo: Edições Loyola, Brasil, 1995.
- OLIVEIRA, André Tadeu. A Fé Reformada e o Ecumenismo. São Paulo, 2009.

- OLIVEIRA, Betty Antunes. Centelha em Restolho Seco. Uma Contribuição para a História dos Primórdios do Trabalho Batista no Brasil. São Paulo, Vida Nova, 2005.
- PENTECOST, J. Dwight. Manual de Escatologia. São Paulo: Editora Vida, 1999.
- PEREIRA, J. Reis. Breve História dos Batistas. 4ª ed. Rio de Janeiro, JUERP, 1994.
- PINSKY, Carla Bassanezi, Fontes Históricas. 2ª ed. São Paulo: Contexto, 2008.
- PORTER, C. Paulo. Organização Batista: para a Evangelização do Mundo. Casa Publicadora Batista. Rio de Janeiro, 1962.
- PRANDI, Carlo & FILORAMO, Giovanni. As Ciências das Religiões. São Paulo, PAULUS, 1999.
- REILY, Duncan Alexander, História Documental do Protestantismo no Brasil. São Paulo: ASTE, 1993.
- SILVA, Eliane Moura da & Leandro Karnal. O Ensino Religioso na Escola Pública do Estado de São Paulo – Volume 1: Diversidade Religiosa, São Paulo, Secretaria de Estado da Educação/UNICAMP, 2002.
- SILVA, Francisco Jean Carlos da. Batistas Regulares: uma abordagem histórico-sociológica. Natal, EDUFRN, 2006.
- STRONG, Polly. Burning Wicks. 2ª ed. Cleveland, Baptist-Mid-Missions, 1986.
- SWEDBERG, Mark (relator). Distintivos Batistas Regulares. São Paulo: Editora Batista Regular, 2003.
- TERRIN, Aldo Natale. Antropologia e Horizontes do Sagrado. São Paulo: Paulus, 2004.
- WEBER, Max. Ensaio de Sociologia. Ed. Guanabara: Rio de Janeiro, 1981.

### **Referências da Internet**

- ASSOCIAÇÃO GERAL DAS IGREJAS BATISTAS REGULARES DO BRASIL. Disponível em: <http://www.batistasregulares.com.br> , acesso em 27 de novembro de 2010.
- CONVENÇÃO BATISTA BRASILEIRA. Disponível em: [www.batistas.org.br](http://www.batistas.org.br)  
Acesso em: 26 de agosto de 2010.
- CONVENÇÃO BATISTA NACIONAL. Regimento Interno da Convenção Batista Nacional – disponível em: <http://www.cbn.org.br>. Acesso no dia 10 de novembro de 2010.

GENERAL ASSOCIATION OF REGULAR BAPTIST CHURCH . Disponível em: [www.garbc.org](http://www.garbc.org) acesso: 30 de Agosto de 2010.

JANN, Wagner. Uma Opinião sobre o Ecumenismo. Artigo publicado em 11 de outubro de 2009. Disponível em <http://www.teofilos.net/artigos> , acesso em 23 de outubro de 2010.

PORTAL ECUMÊNICO. Disponível em <http://portalecumenismo.net>, acesso em 23 de outubro de 2010.

### **Periódicos**

CÉSAR, Elben M. L. História da Evangelização do Brasil, Viçosa: Ultimato, 2000.

CAMPOS, Leonildo. Abordagens usuais no estudo do pentecostalismo, Revista de Cultura Teológica, FTNS, SP, ano III, nº 13, out/dez – 1995.

\_\_\_\_\_. “*As origens norte-americanas do pentecostalismo brasileiro: observações sobre uma relação ainda pouco observada*”. REVISTA USP, São Paulo, n.67, p. 100-115, setembro/novembro 2005.

DIAS, Agemir de Carvalho. Caminhos do Ecumenismo. Revista de História Regional 9(2): 57-82, Inverno 2004.

MARIZ, Cecília Loreto e MACHADO, M.D.C. Religião e pobreza: uma comparação entre as CEB's e Igrejas Pentecostais. Rio de Janeiro, Comunicações do ISER, nº 30, 1988.

NORA, Pierre. Entre memória e história: a problemática dos lugares. Revista Projeto História. São Paulo: Departamento de História de Pontifícia Universidade Católica de São Paulo / PUC-SP, nº.10, 1993, pp. 07-28. Disponível em: [http://www.unisinos.br/publicacoes\\_cientificas/images/stories/Publicacoes/educacao](http://www.unisinos.br/publicacoes_cientificas/images/stories/Publicacoes/educacao). Acesso em 20 de junho de 2010.

### **Dissertação de Mestrado**

SOUZA, Edilson Soares de. Diálogos (Re) Velados: A Trajetória e os Discursos político-doutrinários dos Batistas Brasileiros 1974-1985. Dissertação apresentada pelo curso de pós-graduação em História da Universidade Federal do Paraná. Curitiba, 2008.

### **Fontes de Pesquisa:**

ASSOCIAÇÃO GERAL DAS IGREJAS BATISTAS REGULARES DO BRASIL. Juazeiro do Norte, CE, Atas da Assembléia de criação da AIBREB, 20-22 de Maio de 1953.

ASSOCIAÇÃO GERAL DAS IGREJAS BATISTAS REGULARES DO BRASIL. Natal, RN, Atas da 2ª Assembléia da AIBREB, 23-25 de Maio de 1955.

ASSOCIAÇÃO GERAL DAS IGREJAS BATISTAS REGULARES DO BRASIL. Juazeiro do Norte, CE, Atas da 3ª Assembléia da AIBREB, 23-25 de Maio de 1957.

ASSOCIAÇÃO GERAL DAS IGREJAS BATISTAS REGULARES DO BRASIL. Assú, RN, Atas da 3ª Assembléia da AIBREB, 21-23 de Julho de 1959.

ASSOCIAÇÃO GERAL DAS IGREJAS BATISTAS REGULARES DO BRASIL. Manaus, AM, Atas da 4ª Assembléia da AIBREB, 17-20 de Julho de 1961.

ASSOCIAÇÃO GERAL DAS IGREJAS BATISTAS REGULARES DO BRASIL. São Paulo, SP, Atas da 5ª Assembléia da AIBREB, 11-13 de Fevereiro de 1964.

ASSOCIAÇÃO GERAL DAS IGREJAS BATISTAS REGULARES DO BRASIL. Belém, PA, Atas da 6ª Assembléia da AIBREB, 11-14 de Julho de 1965.

ASSOCIAÇÃO GERAL DAS IGREJAS BATISTAS REGULARES DO BRASIL. Juazeiro do Norte, CE, Atas da 7ª Assembléia da AIBREB, 10-12 de Julho de 1967.

ASSOCIAÇÃO GERAL DAS IGREJAS BATISTAS REGULARES DO BRASIL. São Paulo, SP, Atas da 8ª Assembléia da AIBREB, 03-06 de Fevereiro de 1969.

ASSOCIAÇÃO GERAL DAS IGREJAS BATISTAS REGULARES DO BRASIL. Manaus, AM, Atas da 9ª Assembléia da AIBREB, 12-15 de Julho de 1971.

ASSOCIAÇÃO GERAL DAS IGREJAS BATISTAS REGULARES DO BRASIL. São José de Mipibu, RN, Atas da 10ª Assembléia da AIBREB, 16-19 de Julho de 1973.

ASSOCIAÇÃO GERAL DAS IGREJAS BATISTAS REGULARES DO BRASIL. Fortaleza, CE, Atas da 11ª Assembléia da AIBREB, 06-09 de Julho de 1975.

ASSOCIAÇÃO GERAL DAS IGREJAS BATISTAS REGULARES DO BRASIL. São Paulo, SP, Atas da 12ª Assembléia da AIBREB, 16-19 de Janeiro de 1977.

ASSOCIAÇÃO GERAL DAS IGREJAS BATISTAS REGULARES DO BRASIL. Manaus, AM, Atas da 13ª Assembléia da AIBREB, 15-18 de Julho de 1979.

ASSOCIAÇÃO GERAL DAS IGREJAS BATISTAS REGULARES DO BRASIL. Juazeiro do Norte, CE, Atas da 14ª Assembléia da AIBREB, 12-15 de Julho de 1981.

ASSOCIAÇÃO GERAL DAS IGREJAS BATISTAS REGULARES DO BRASIL. Boa Vista, RR, Atas da 15ª Assembléia da AIBREB, 21-24 de Julho de 1983.

ASSOCIAÇÃO GERAL DAS IGREJAS BATISTAS REGULARES DO BRASIL. Recife, PE, Atas da 16ª Assembléia da AIBREB, 10-14 de Julho de 1985.

ASSOCIAÇÃO GERAL DAS IGREJAS BATISTAS REGULARES DO BRASIL. São José dos Campos, SP, Atas da 17ª Assembléia da AIBREB, 05-08 de Fevereiro de 1987.

ASSOCIAÇÃO GERAL DAS IGREJAS BATISTAS REGULARES DO BRASIL. Belém, PA, Atas da 18ª Assembléia da AIBREB, 07-10 de Julho de 1989.

ASSOCIAÇÃO GERAL DAS IGREJAS BATISTAS REGULARES DO BRASIL. Fortaleza, CE, Atas da 19ª Assembléia da AIBREB, 12-18 de Janeiro de 1992.

ASSOCIAÇÃO GERAL DAS IGREJAS BATISTAS REGULARES DO BRASIL. Manaus, AM, Atas da 20ª Assembléia da AIBREB, 12-18 de Julho de 1993.

ASSOCIAÇÃO GERAL DAS IGREJAS BATISTAS REGULARES DO BRASIL. São Paulo, SP, Atas da 21ª Assembléia da AIBREB, 21-27 de Janeiro de 1995.

ASSOCIAÇÃO GERAL DAS IGREJAS BATISTAS REGULARES DO BRASIL. Natal, RN, Atas da 22ª Assembléia da AIBREB, 28 de Janeiro a 01 de Fevereiro de 1997.

ASSOCIAÇÃO GERAL DAS IGREJAS BATISTAS REGULARES DO BRASIL. Seminário Batista Regular do Cariri, Crato, CE, Atas da 23ª Assembléia da AIBREB, 27-31 de Janeiro de 1999.

ASSOCIAÇÃO GERAL DAS IGREJAS BATISTAS REGULARES DO BRASIL. Simões Filho, BA, Atas da 24ª Assembléia da AIBREB, 17-21 de Fevereiro de 2001.

ASSOCIAÇÃO GERAL DAS IGREJAS BATISTAS REGULARES DO BRASIL. Hotel Fazenda Três Poderes, Caraguatatuba, SP, Atas da 25ª Assembléia da AIBREB, 23-27 de Abril de 2003.

ASSOCIAÇÃO GERAL DAS IGREJAS BATISTAS REGULARES DO BRASIL. Natal, RN, Atas da 28ª Assembléia da AIBREB, 18-21 de Maio de 2009.

Relatório Missionário de Arlie Ross a Baptist-Mid-Missions, datado de 14 de outubro de 1939, para Cleveland, Ohio, Estados Unidos (sede da Baptist-Mid-Missions).

Relatório Missionário de Guy McLain a Baptist-Mid-Missions, datado de 22 de janeiro de 1936, para Cleveland, Ohio, Estados Unidos (sede da Baptist-Mid-Missions).

Relatório Missionário de Guy McLain a Baptist-Mid-Missions, datado de 16 de fevereiro de 1936, para Cleveland, Ohio, Estados Unidos (sede da Baptist-Mid-Missions).

Relatório Missionário de Guy McLain a Baptist-Mid-Missions, datado de 12 de maio de 1936, para Cleveland, Ohio, Estados Unidos (sede da Baptist-Mid-Missions).

## ANEXOS

Anexo 1: Extrato da Ata de Fundação da AIBREB

### **ATA DA SESSÃO PRELIMINAR DA CONVENÇÃO PARA ORGANIZAÇÃO DA “ASSOCIAÇÃO GERAL DAS IGREJAS BATISTAS REGULARES DO BRASIL”**

As 8:15 horas do dia 20 de maio de 1953, foi iniciada a sessão, com um culto devocional, no prédio do Instituto Bíblico Batista de Juazeiro do Norte.

Cantou-se o hino de número 152 do Cantor Cristão sendo em seguida dirigida uma oração pelo Sr. João, missionário presbiteriano no Chile. A oração foi feita em espanhol. Leu-se Ef. 4:1-7 e o Sr. Jim Willson proferiu uma breve mensagem sob o tema: “União”.

Passando-se aos trabalhos, o Sr. Jim Willson sugeriu a nomeação de um moderador sendo o seu nome apresentado pelo missionário Carlos Matthews, apoiado pelo pastor Luiz Gonzaga de Souza e eleito por aclamação.

O missionário Jim Willson sugeriu a apresentação das pessoas presentes, tendo ele mesmo apresentado os do campo cearense e o Sr. Carlos Matthews, missionário no Rio Grande do Norte, os do campo rio-grandense. Depois desta apresentação, procedeu-se a escolha de um secretário interino, tendo o Sr. Antonio Ângelo, pastor da Primeira Igreja Batista de Juazeiro, apresentado o nome do Sr. José Pereira, pastor da Igreja Batista de Cravo, Ceará. Também foi apresentado o nome da Srta. Lenita Rodrigues Marins, representante da Igreja Batista de Mossoró, Rio Grande do Norte. Procedida a votação, José Pereira foi eleito por 11 votos contra 9.

Passou-se então, a confecção da Agenda para a convenção, sendo resolvido que ela constasse:

- 1º – Exposição de motivos para organização da Associação.
- 2º – Arrolamento dos Mensageiros.
- 3º – Aprovação da Constituição.
- 4º – Eleição e Posse da Diretoria.
- 5º – Negócios
- 6º – Consagração de Antônio Ângelo e Francisco de Assis.

Nada mais havendo a tratar, foi posto em ordem o encerramento da sessão, que foi proposto pelo missionário Walmar Mitchel, apoiada por Luiz Gonzaga e aceito por votação unânime.

Eu, José Pereira, secretário interino, para constar, lavrei a presente Ata, que lida, se for aceita, será assinada por quem de direito.

Secretário: José Pereira da Silva

Presidente: Luiz Gonzaga de Souza

**ATA DA 1ª SESSÃO DA CONVENÇÃO PARA ORGANIZAÇÃO DA “ASSOCIAÇÃO GERAL DAS IGREJAS BATISTAS INDEPENDENTES, DIGO REGULARES DO BRASIL**, realizada no salão de cultos da Primeira Igreja Batista de Juazeiro, iniciada às 14 horas do dia 20 de maio de 1953.

A sessão foi iniciada com um culto devocional, tendo sido cantado o hino 469 do Cantor Cristão, sendo em seguida dirigida uma oração pelo Sr. Humberto Fernandes de Oliveira.

Dando início aos trabalhos, foi lida a Ata da Sessão anterior, que depois de lida, foi proposta a sua aceitação pelo missionário Valmar Mitchel apoiado pelo Sr. Humberto Fernandes de Oliveira. Sem maiores discussões, foi aceita por unanimidade.

Na ordem do dia, foi posto em discussão o primeiro ponto da agenda: exposição de motivos para organização da Associação, pedindo o Sr. Moderador, a leitura da Ata da Sessão da comissão para organização desta convenção, que no entanto, não se achava presente, tendo sido nomeado o missionário Carlos Hocking para fazer uma exposição do material contido na referida Ata. Usando da palavra, o Sr. Carlos Hocking disse que em virtude de haver duas convenções estaduais de “Batistas Regulares” (Ceará e Rio Grande do Norte), era idéia dos missionários e pastores nacionais organizarem uma convenção nacional dos referidos batistas, com o fim de distingui-los dos da “Convenção Batista Brasileira” e para congregar as igrejas em um plano de trabalho em cooperação. Disse este plano haver sido facilitado pelos missionários Rio-Grandenses do Norte, quando vieram assistir a conferência dos missionários da Mid-Missions aqui em Juazeiro, em setembro do ano passado. Terminou frisando a necessidade da união das igrejas a parte da junta de Ritchmond. Foi oferecida a palavra ao missionário Valmar Mitchel no sentido de acrescentar algo ao já dito mas este afirmou nada ter a acrescentar.

Passou-se, ao arrolamento dos mensageiros, e apurou-se estar presente:

Pela “Igreja Batista de Parangabussú”, Fortaleza, Luiz Gonzaga de Souza e José Vieira dos Santos.

Pela “Igreja Batista de Mucuripe”, Fortaleza, Luiz Gonzaga de Souza.

Pela “Igreja Batista de Iguatú”, Francisco Assis Oliveira (pastor) e Antonio Benedito de Souza (diácono).

Pela “Primeira Igreja Batista de Juazeiro”, Joaquim Vieira e Eloi de Souza (diáconos). Joaquim Vieira, foi representado por Antonio Angelo.

Pela “Primeira Igreja Batista do Crato”, José Pereira da Silva (pastor) e Manoel Teixeira (diácono), aqui representado por José Gonçalves Peti.

Pela “Igreja Batista de Macau”, Emiliano Ribeiro da Silva.

Pela “Igreja Batista de Mossoró”, Lenita Rodrigues Marins

Pela “Igreja Batista de Primavera”, José Venancio da Silva (diácono)

Pela “Igreja Batista de São José de Mipibú”, Israel Florencio de Lima.

Pela “Igreja Batista de Parnamirim”, Francisco Xavier Pessoa.

Pela “Igreja Batista de Baixa Verde”, Mauro Galdino da Silva.

Pela “Igreja Batista de Natal”, João Joaquim da Silva.

Pela “Igreja Batista de Manaus”, Humberto Fernandes de Oliveira.

As primeiras 5 (cinco) igrejas mencionadas são do campo cearense, as sete seguintes do campo norte-riograndense e a última, do Amazonas.

Achava-se também presente, o Sr. André Domingues de Barros da “Igreja Batista de Rio Branco”, Acre, que devido negligência da sua igreja, não tinha credenciais para tomar parte nesta convenção como mensageiro, ficando esta igreja sem representação como também a “Igreja Batista de Boa Vista”, território do Rio Branco.

Houve uma forte discussão, se os missionários presentes poderiam ou não, ser arrolados como mensageiros, ficando para ser resolvido em sessão a parte. José Pereira propôs que os missionários tivessem o direito de votar, até a aprovação da constituição. Depois de apoiada, foi posta em votação, e aceita por unanimidade.

Passou-se a aprovação da constituição. Como primeiro passo, foi apresentado o seguinte nome: “Associação Geral das Igrejas Batistas Regulares do Brasil”, cuja aceitação foi proposta pelo Sr. Frank Gertberg (missionário) apoiado pelo Sr. Carlos Matthews (missionário). Foi aceito sem muita discussão, por unanimidade. Passou-se então a aprovação dos artigos ponto por ponto.

Art. II, parágrafo 1. Mauro Galdino da Silva propôs, Antonio Angelo (pastor) o apoiou, sendo aceito sem votos contrários.

Art. II, parágrafo 2. Proposto pelo pastor Luiz Gonzaga de Souza e apoiado por (pastor) Francisco Assis de Oliveira, aceito sem votos contrários.

Art. II, parágrafo 3. Proposto por Humberto Fernandes de Oliveira, apoiado por Luiz Gonzaga e aceito por unanimidade.

Art. II, parágrafo 4. Proposto pelo pastor Luiz Gonzaga de Souza, apoiado por Humberto F. de Oliveira e aceito por unanimidade.

Art. II, parágrafo 5. Apoiado pelo pastor, digo, proposto pelo pastor Francisco A. de Oliveira, apoiado por Antonio Benedito e aceito unanimemente.

Art. III, parágrafo 1. Proposto pelo missionário Carlos Matthews e apoiado por Frank Gertberg. Aceito sem oposição.

Art. III, parágrafo 2. Foi proposto por Emiliano Ribeiro, apoiado por Francisco Xavier Pessoa e aceito unanimemente.

Art. IV, parágrafo 1. José Gonçalves Peti, de Crato, propos sua aceitação, foi apoiado por João Joaquim da Silva, de Natal, e aceito sem oposição que se mereça mencionar.

Art. IV, parágrafo 2. Proposto pelo pastor Antonio Angelo apoiado pelo pastor Francisco A. de Oliveira e aceito pelos presentes.

Art. IV, parágrafo 1. Foi proposto por Mauro Galdino da Silva, apoiado por Humberto F. de Oliveira e aceito pelos convencionais.

Art. V, parágrafo 2. Proposta a sua aceitação por Emiliano Ribeiro da Silva e apoiada por José Venâncio, sofreu longa discussão, a fixação do seu texto. Foi proposta pelo Sr. Luiz Gonzaga de Souza (pastor a seguinte emenda: “No referido parágrafo acrescenta-se as seguintes palavras “depois de ser” digo “pela junta executiva” logo após às palavras “depois de ser examinada” ficando-se lendo o seguinte: ... “depois de ser examinada pela Junta Executiva, pode ser, se julgada indigna...” em lugar do antigo texto: “... depois de ser examinada, pode ser, se julgada indigna...”. Esta emenda foi apoiada pelo missionário Carlos Matthews e depois de larga discussão aceita por 16 votos contra 4 (quatro). Foi então posta em votação a proposta de aceitação do parágrafo com a emenda, apurando-se 17 votos a favor e 3 contra.

Art. VI, parágrafo 1. Proposto pelo pastor Luiz Gonzaga, apoiado pelo pastor Antonio Angelo e aceito, digo, posto em discussão, o missionário Carlos Hocking propôs que fosse posta na mesa até logo após a reunião dos missionários, no que foi apoiado por Carlos Matthews e aceito sem objeções.

Art. VI, parágrafo 2, foi proposto por Valmar Mitchel, apoiado por Israel Florencio e aceito por unanimidade.

Tendo sido consultada a hora, verificou-se ser 16:15h, sendo proposto o encerramento da sessão pelo missionário Frank Jertberg, apoiado por David John e aceito por unanimidade.

Eu, José Pereira, secretário interino, para constar lavrei a presente Ata, que depois de lida e discutida se for aceita, será assinada por quem de direito.

Corrigenda: a página 2, linha onde se lê: “ficando-se lendo”, leia-se “onde ficar-se-à por conseguinte, lendo”.

Secretário: José Pereira da Silva

Presidente: Luiz Gonzaga de Souza

Anexo 2: Foto da 1ª Igreja Batista Regular em Manaus



Anexo 3: Foto da 1ª Assembléia Geral das Igrejas Batistas Regulares



Foto da 1ª Assembléia Geral das Igrejas Batistas Regulares do Brasil (1953). Local: Juazeiro do Norte, CE. (da esquerda para direita) Pastores David de Lima Gino, Luiz Gonzaga de Souza e José Pereira da Silva. Fonte: Arquivo pessoal do missionário Samuel David Smith Jr.